UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO

PIONEIRISMO: ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DE GLÓRIA MARIA DURANTE A DITADURA E O SEU LEGADO PARA AS JORNALISTAS NEGRAS

Elis Regina Rodrigues Madeira

São Borja- RS
2025

Elis Regina Rodrigues Madeira

PIONEIRISMO: ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DE GLÓRIA MARIA DURANTE A DITADURA E O SEU LEGADO PARA AS JORNALISTAS NEGRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa como requisito básico para a conclusão do Curso de Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Alciane Baccin

Coorientadora: Profa. Dra. Josemari Poerschke de Quevedo

São Borja- RS

2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M181p Madeira, Elis Regina Rodrigues
PIONEIRISMO: ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DE GLÓRIA MARIA DURANTE A DITADURA E O SEU LEGADO PARA AS JORNALISTAS NEGRAS / Elis Regina Rodrigues Madeira.
76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, JORNALISMO, 2025.
"Orientação: Alciane Nólibos Baccin".

1. Glória Maria. 2. legado. 3. jornalismo. 4. jornalistas negras. 5. ditadura militar. I. Título.

ELIS REGINA RODRIGUES MADEIRA

PIONEIRISMO: ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DE GLÓRIA MARIA DURANTE A DITADURA E O SEU LEGADO PARA JORNALISTAS NEGRAS

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e apro vado em: 03/12/2025.

Banca examinadora:

Profª. Drª. Alciane Nolibos Baccin
Orientadora
(Unipampa)

Profª. Drª. Josemari Poerschke de Quevedo
Coorientadora
(Unipampa)

SISBI/Folha de Aprovação Elis Regina Rodrigues Madeira (1915757) SEI 23100.021558/2025-62 / pg. 1

Profª. Drª. Eloisa Joseane da Cunha Klein

(Unipampa)

Profª. Drª Adriana Ruschel Duval

(Unipampa)

Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS BACCIN**, **PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/12/2025, às 22:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

Assinado eletronicamente por **JOSEMARI POERSCHKE DE QUEVEDO**, **PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 10/12/2025, às 00:54, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL**, **PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/12/2025, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

Assinado eletronicamente por **ELOISA JOSEANE DA CUNHA KLEIN**, **PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2025, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1915757** e o código CRC **0E6A0CEC**.

Dedico este trabalho a minha mãe, Eliziane Moraes, meu pai Robson Madeira e minha avó, Teresinha Laides de Moraes. Vocês são as raízes que sustentam minha caminhada e o chão que me faz voar. Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família que por todos os anos de graduação foram meu alicerce para que eu continuasse até o fim desse processo, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a importância da minha ausência em casa. Que desde a infância me mostraram a importância dos estudos e colocaram ele como prioridade de tudo. À minha mãe Eliziane Moraes, ao meu pai Robson Madeira e a minha avó Teresinha Laides de Moraes. Também agradeço a minha avó Geraldina Madeira que lá do céu me deu forças para que eu enfrentasse tudo de cabeça erguida, que me ensinou a aproveitar cada oportunidade e aventura da vida.

Chego a este momento com o coração transbordando de alegria e amor, refletindo sobre toda minha jornada com gratidão. Este trabalho não é apenas uma realização pessoal, mas uma conquista compartilhada aqueles que permaneceram até aqui e de alguma forma contribuíram para a minha caminhada. Quero dedicar a todos que estiveram comigo nas boas e nas ruins.

Aos amigos que fiz na Unipampa e deixaram esse processo mais leve, Mariana Erthal, Gustavo Bragança, Bárbara Mendes e Danilo Oliveira. Aos que se tornaram sinônimo de família em São Borja: Kauany Mantelli, Eduarda Menezes, Hadassa Cristina, Lauren Amaro, Nathielly Paz, Antônio Kanaan, Fabiola Mattoso, Kevinton, Klinsmann, Guilherme Leães, Camile Ferrer, Caroline Menegassi, Maria Caetano, Rafael Abreu, Ana Laura e Maurin Jaqueline. Às minhas amigas de Santana do Livramento, minha cidade natal, que mesmo na distância permaneceram presentes: Josielhe Gonçalves, Sheila Roberta e Manuela Ribeiro. Aos meus afilhados: Estela Gonçalves e Lennon Eduardo, que chegaram nesta vida para dar sentido, que levam alegria e brilho para a minha casa. Ao meu irmão, Leonardo Rafael que desde que nasceu me ensina um pouco de empatia e compartilhamento.

Às minhas orientadoras Alciane Baccin e Josemari Quevedo que não mediram esforços para me ajudar no processo deste trabalho. Sem vocês eu não conseguiria. Agradeço pela paciência, o olhar atento e a sabedoria durante as orientações.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica e pessoal, meu agradecimento. Eu amo vocês!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal entender a influência e representatividade de Glória Maria para outras jornalistas negras (estudantes e profissionais) e o papel da jornalista durante a ditadura militar no Brasil. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva. A estratégia metodológica adotada na pesquisa prevê a análise de duas entrevistas em vídeo e um documentário sobre a vida e a carreira da jornalista Glória Maria, a realização e análise de entrevistas com jornalistas negras (formadas e estudantes) sobre a influência de Glória em suas carreiras, além de pesquisa bibliográfica sobre a jornalista. Os resultados mostraram, a partir da análise de programa e documentário sobre a jornalista, sua postura e a coragem de expor e combater o preconceito, bem como o que enfrentou durante a ditadura militar. Já a análise de entrevistas com mulheres jornalistas e estudantes de jornalismo, demonstrou que todas conhecem Glória Maria e reconhecem seu legado e protagonismo na carreira. Dessa forma, a jornalista é figura importante na construção de representatividade e pertencimento de mulheres negras.

Palavras-chave: Glória Maria, legado, jornalismo, jornalistas negras, ditadura militar.

ABSTRACT

This work's main objective is to understand the influence and representativeness of Glória Maria for other black female journalists (students and professionals) and the journalist's role during the military dictatorship in Brazil. This study is characterized as qualitative and descriptive research. The methodological strategy adopted in the research includes the analysis of two video interviews and a documentary about the life and career of journalist Glória Maria, conducting and analyzing interviews with black female journalists (graduates and students) about Glória's influence on their careers, in addition to a bibliographic search about the journalist. The results showed, from the analysis of a program and a documentary about the journalist, her posture and courage to expose and combat prejudice, as well as what she faced during the military dictatorship. The analysis of interviews with female journalists and journalism students showed that they all know Glória Maria and recognize her legacy and prominence in her career. In this way, the journalist is an important figure in the construction of representativeness and belonging for black women.

Keywords: Glória Maria, legacy, journalism, black women journalists, military dictatorship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Glória Maria em entrevista falando sobre racismo no minuto.
Figura 2: Glória Maria cobrindo política
Figura 3: General João Figueiredo dando entrevista para Glória Maria
Figura 4: Passagem de Glória Maria durante a ditadura
Figura 5: Encontro de mulheres negras
Figura 6: Foto da vó Alzira benzendo no quintal de casa
Figura 7: Colégio Rivadávia Corrêa em frente a Delegacia de Vigilância Centro do Rio de Janeiro, 1960
Figura 8: O Elevado Paulo Frontin desabou. Feridos sendo socorridos
Figura 9: Ex-presidente João Figueiredo em entrevista com imprensa

LISTA DE ABREVIATURAS

Abraji- Associação Brasileira de Jornalismo

CAMDE- Campanha das Mulheres pela Democracia

CE- Ceará

DOI-CODI- Departamento de Operações de Informações- Centro de Operações de Defesa Interna

DF- Distrito Federal

FDRP- Faculdade de Direito de Ribeirão Preto

GO- Goiás

ICL Notícias- Instituto Conhecimento Liberta

CNN- *Cable News Network*

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LIMDE- Liga Democrática de Mulheres pela Democracia

MS- Mato Grosso do Sul

OBAN- Operação Bandeirante

PCD´s- Pessoas com Deficiência

PUC- Pontifícia Universidade Católica

RAIS- Relação Anual de Informações Sociais

RJ- Rio de Janeiro

RN- Rio Grande do Norte

RO- Rondônia

RR- Roraima

SP- São Paulo

UNAERP- Universidade de Ribeirão Preto

UNIPAMPA- Universidade Federal do Pampa

USP- Universidade Federal de São Paulo

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Síntese com os resultados dos materiais audiovisuais
TABELA 2: Síntese com os resultados das jornalistas entrevistadas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 13
2. REFERENCIAL TEÓRICO..... 18
2.1 A ditadura e o jornalismo..... 18
2.2 O negro no jornalismo..... 22
2.3 Gênero e interseccionalidade..... 27
2.4 Legado e entrevistas de Glória Maria..... 30
3. METODOLOGIA..... 33
3.1 Técnicas metodológicas..... 33
3.2 Corpus de pesquisa..... 35
3.3. Glória Maria: mulher, negra e jornalista..... 36
4. ANÁLISE..... 39
4.1 Glória Maria no “De frente com o Bial” (2020): ditadura e suas proibições..... 39
4.2 Glória Maria no “De frente com o Bial”: o confronto direto com o presidente..... 43
4.3 Documentário: Glória como fenômeno..... 45
4.4 Entrevistas com jornalistas negras: o legado de Glória Maria..... 56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 69
REFERÊNCIAS..... 72

1. INTRODUÇÃO

Há jornalistas e jornalistas. Mas a peculiaridade de certas profissionais pode levá-las além da própria carreira de sucesso, deixando um legado para as próximas gerações. Este foi o caso da jornalista global Glória Maria, cujo sucesso extrapolou as barreiras impostas em geral para as mulheres negras e influenciou outras mulheres negras a serem jornalistas. É a partir de sua história de vida que esta pesquisa se estrutura.

O tema desta pesquisa, portanto, tem como foco a carreira jornalística de Glória Maria no âmbito do seu posicionamento como mulher negra e diante da ditadura, abordando também como essa trajetória foi um legado para o jornalismo que inspirou outras mulheres negras jornalistas.

Sabemos que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2000 as mulheres negras ocupavam 9,9% das universidades. Já em 2019, esses números aumentaram para 26,3% (IBGE, 2019), o que se sucedeu pela Lei de Cotas. A Lei de Cotas (Lei nº 12.711/ 2012) destina 50% das vagas em universidades e institutos federais a pessoas autodeclaradas pretas e pardas (Brasil, 2012). A implantação dessa lei conseguiu com que os direitos a esses indivíduos fossem designados, além de promover a desigualdade social e racial. Isso nos faz refletir que, mesmo com a jornada mais dificultada, as pessoas pretas têm esse espaço de pertencimento. Com essas estatísticas, observamos mudanças significativas no meio acadêmico, programas de inclusão a Pessoas com Deficiência (PCD's), negros, pardos, indígenas e quilombolas.

O estudo do tema tem relação direta com o que vivencio, como uma mulher negra e com o lugar de fala sobre questões raciais, adentro esta pesquisa com enfoque nas mulheres negras e seu legado. A grande trajetória da jornalista me impulsionou e me inspirou a ser jornalista, assim como outras mulheres. Nesse sentido, as entrevistas realizadas a partir da aplicação de um questionário a mulheres pretas e atuantes na área, tanto discentes do Curso de Jornalismo quanto a mulheres já formadas e com atuação profissional, demonstram a influência da jornalista Glória Maria em gerações que vieram depois. A partir desta pesquisa exploratória, resultados apontam ao conhecimento sobre a própria Glória Maria e a relação da jornalista negra com o período de ditadura no Brasil.

Diante disto, a pesquisa se desenvolve a partir de uma pergunta norteadora: **qual o papel da jornalista Glória Maria no jornalismo brasileiro durante a ditadura e sua influência na formação de mulheres negras jornalistas?** Para responder essa problematização, utilizamos o objeto de estudo o dois episódios do programa “De frente com Bial” durante a pandemia em que Glória Maria aborda questões de racismo e suas vivências, além do documentário “Glória”, recém lançado e reproduzido pela Rede Globo durante a programação dos 60 anos da emissora. Também, pesquisas nos textos analisados que abordam questões como o período ditatorial, nosso objetivo é compreender o legado da própria *persona* Glória Maria e o racismo durante esse período ditatorial.

Este trabalho trata sobre a temática da mulher negra no jornalismo e a verificação da sua representatividade durante a ditadura militar no Brasil. Como observação, partimos da entrevista da jornalista Glória Maria para o programa “Conversa com Bial” durante a pandemia, e da análise de como as mulheres negras tiveram dificuldade na área jornalística neste período. Além disso, problematizamos os espaços ocupados por pessoas pretas em espaços de poder no meio jornalístico.

Glória Maria foi uma mulher que estava à frente do seu tempo, quebrando tabus sobre gênero, raça e classe em uma época que a mídia era mais “engessada” na abordagem dessas questões. A relevância principal é apresentar seu perfil como um instrumento de luta para as mulheres que se identificam com a jornalista, bem como as causas raciais que foram silenciadas durante o período da ditadura. Além de mostrar que sua trajetória foi capaz de fortalecer a autoestima de pessoas negras, principalmente jovens. Ela representou um exemplo de que é possível conquistar um espaço no jornalismo.

O Brasil, de acordo com Farias (2019), é reconhecidamente um país em que existem muitas pessoas preconceituosas em relação aos negros, atribuiu às pessoas negras desigualdade de oportunidades nos diversos segmentos sociais ao longo do tempo. Contudo, quando o então presidente Luiz Inácio da Silva sancionou a Lei de Cotas, em 2012, fez com que para ter o benefício, a renda familiar diminuísse de 1,5 salário mínimo para 1 salário mínimo per capita para conseguir ingressar em alguma instituição federal por meio de ações afirmativas. Ocorre que o Censo da Educação Superior de 2022, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, revela que o número de estudantes que ingressaram no Ensino Superior pela Lei de Cotas aumentou a mais de 108 mil. No

mesmo ano, só em universidades, institutos federais e faculdades ingressaram mais de 55 mil estudantes com o critério étnico-racial (Brasil, INEP, 2023).

Antes, pessoas pretas eram ainda mais discrimidadas pela sua cor e, consequentemente, pela desigualdade social no Brasil, uma vez que a história é contada a partir do tráfico negreiro no período da escravidão, legado racista que persistiu durante um longo periodo. Mesmo que atualmente as pessoas pretas ocupem cada vez mais os espaços, não podemos apagar a história que resultou em tamanha discriminação. “A escravidão no Brasil entretanto, em tese, se encerraria com a assinatura da Lei Áurea aprovada pelo Senado e assinada pela princesa Isabel em 1888” (Farias, 2019). Porém, o fim da escravidão e a história não ocorreram dessa forma direta, a resistência dos escravos e a organização popular foram o que realmente deu fim ao sofrimento dos negros escravizados, apesar do racismo e do preconceito ainda vigorarem em amplos espaços. Por isso, a história de uma mulher negra de sucesso no jornalismo brasileiro é inspiradora.

Ao longo dos anos, as mulheres negras tomaram um espaço significativo no meio jornalístico. Notadamente, influências de pessoas como Glória Maria enfatizam a ideia de conquista de um lugar na imprensa. A partir disso, podemos inferir em nossa hipótese que Glória Maria exerce representatividade de sucesso para as mulheres negras, justamente pelo seu legado e influência para outras mulheres seguirem no jornalismo.

O objetivo geral é entender o legado de Glória Maria e compreender as reflexões da jornalista sobre a ditadura militar no Brasil. Para alcançar esse objetivo, traçamos como objetivos específicos:

a) Conhecer a atuação da jornalista Glória Maria durante o período de ditadura no Brasil;

b) Identificar se há influência de Glória Maria na definição e na carreira de outras mulheres negras jornalistas (estudantes e profissionais);

c) Examinar a representatividade de Glória Maria enquanto legado para o jornalismo brasileiro.

No capítulo teórico, abordamos a temática ditadura e jornalismo, porque durante esse período as pessoas negras, principalmente as mulheres, eram alvos de perseguição. Bem como as mulheres ativistas que não seguiam as ideias de extrema direita foram um dos principais alvos de perseguições dos militares.

Apresentamos autores como Mariana Joffily e alguns canais de comunicação, sites e revistas como Comissão Nacional da Verdade, Ministério da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, ICL Notícias, CNN, entre outros.

Na sequência, usamos como fonte de pesquisa o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[1] e O Perfil Racial da Imprensa Brasileira[2], como principal estudo do negro no jornalismo, com foco em dados dos jornalistas negros na imprensa do país, abordando a desigualdade racial no meio jornalísticos e apontando os principais desafios desses individuos no cotidiano. Dione Moura e Hallana Costa (2018) acrescentam a pesquisa com o cenário da mulher negra ligado às universidades/ diplomas e desigualdades sociais relacionadas a escolaridades.

No subcapítulo 2.3, gênero e interseccionalidade, ressaltamos os sofrimentos como assédio e violência contra a mulher no trabalho. As autoras Alice Mitika Koshiyama e Cristiane Oliveira Reimberg (2018) abordam esse cenário de discussão e realidades; salários desiguais para homens e mulheres, a indiferença quando se trata de incompetências no âmbito profissional e o neoliberalismo. No artigo Desigualdades, Relações de gênero e estudos de jornalismo discute o sentido do trabalho, o sofrimento e o prazer para as jornalistas. Dados da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e da Gênero e Número quanto à discriminação de gênero e abuso de autoridade e fontes, ao que é imposto a mulheres jornalistas. Jpa o subcapítulo 2.4 explora o legado de Glória Maria e as entrevistas em que a jornalista participou.

A metodologia, apresentada no capítulo 3, configura-se como pesquisa qualitativa e descritiva, que parte também de revisão bibliográfica, em que se analisam três materiais audiovisuais: duas entrevistas do programa “De frente com Bial” com Glória Maria e o primeiro capítulo do documentário “Glória”. Além disso, foram realizadas e analisadas entrevistas com jornalistas negras (formadas e estudantes) sobre a influência de Glória. Com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2019), foram utilizadas técnicas de análise de expressãlo nos materiais audiovisuais e nas respostas das entrevistadas.

---

[1] Instituto de Geografia e Estatística no Brasil. Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos. https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos

[2] O Perfil Racial da Imprensa brasileira: https://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf

O capítulo 4 traz as análises, em que uma de suas entrevistas analisadas foi gravada em 2020, durante a pandemia de forma remota, para o “De frente com Bial”, com foco nas questões do período ditatorial, de raça, de gênero e de influência jornalística. Também verificamos a série documental “Glória”, transmitida pela Globo em abril de 2025, com imagens inéditas da jornalista Glória Maria, entrevistas com famosos internacionais, dentre outros acontecimentos importantíssimos da época. Glória Maria, representada como mulher negra e jornalista. Sua carreira e seu pioneirismo no jornalismo brasileiro, ademais a sua forma única de fazer jornalismo, suas reportagens e coberturas que marcaram a história no Brasil e no mundo. O fechamento analítico ocorre com a análise das respostas das entrevistadas.

Por fim, as considerações finais do trabalho estão no capítulo 5, com os principais resultados das análises dos materiais audiovisuais: duas entrevistas do “De frente com Bial” com Glória Maria e o primeiro capítulo do documentário “Glória” e a análise das entrevistas com as quatro jornalistas negras (formadas e estudantes do curso de jornalismo).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, para aprofundarmos a pesquisa, os referenciais teóricos serão baseados em artigos que estudam a questão do racismo estrutural. Partimos do livro “Da Diáspora”, de Stuart Hall (2003), mais especificamente do capítulo “A questão multicultural/ estudos culturais” e “significação, representação e ideologia”, que traz os conceitos de multiculturalismo no contexto das sociedades contemporâneas, mostrando que não se trata apenas de aumentar diversidade e, sim, de desnaturalizar as hierarquias culturais, dar destaque a vozes marginalizadas e justiça no campo da cultura; além disso, o autor analisa como os significados são produzidos e como os sistemas de representação estão entrelaçados com poder e ideologia, consequentemente.

A seguir, abordaremos o contexto da Rede Globo na época da ditadura militar em seus telejornais, analisando como a rede se sustentou também em interesses durante esse período. Assim, vamos trabalhar com conceitos de mídia e poder político, presentes no livro “Telejornalismo e ditadura militar: a ressignificação do passado pela maior rede de TV do Brasil” (Musse; Viana, 2018).

Conjuntamente, acionaremos conceitos do artigo “O negro no telejornalismo: breve estudo sobre a imagem discursiva de Gloria Maria, Heraldo Pereira e novos rostos no jornalismo de televisão” (Emerim, Silva; 2023). Para abordarmos a questão das mulheres e ditadura, “Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura” (Comissão Nacional da Verdade, 2015) nos traz uma perceção clara do que as vítimas sofriam no período ditatorial, o que está consonância com as ideias propostas e discutidas nesta pesquisa.

Dentro dos pressuposto de Cardoso e Bôas (2024) , é notória a discussão sobre o jornalismo negro no Brasil e o lugar que ocupa (ou não ocupa) e como esse jornalismo foi excluído da imprensa.

No entanto, é importante pontuar as abordagens que a autora Mariana Joffily (2018) traz em “Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas", em que discute percepções políticas, raciais e como o passado autoritário afeta até os dias atuais.

2.1 A ditadura e o jornalismo

No Brasil, ditadura e jornalismo, por mais curioso que possa parecer, tiveram relações muito próximas, seja no que tange à perseguição de jornalistas pelo regime e a censura, seja por uma relação de colaboração com grandes veículos. No primeiro caso, tivemos jornalistas perseguidos, caso de Ziraldo, um colunista, desenhista e escritor que ajudou a fundar, no fim dos anos 1960, o jornal “O Pasquim” que estava em oposição à ditadura (CNN, 2024). Como naquela época esses jornais eram condenados à censura, o jornalista criava suas matérias com sarcasmo e humor misturado com crítica. Sua redação era composta por Millôr Fernandes, Tarso de Castro, Henfil, Ivan Lessa, Sérgio Cabral, Claudius, Fortuna, Luís Carlos Maciel entre outros, que atuavam como jornalistas, artistas e intelectuais. Em 1970, grande parte da redação de “O Pasquim” foi presa e permaneceu na prisão durante um ano, porém o jornal continuou sendo produzido pelos que não tinham sido presos ao regime militar, circulando normalmente. Esse episódio foi bastante simbólico para o jornalismo no Brasil.

Já no segundo caso, temos o exemplo recente do jornal Folha de São Paulo que, como veículo de comunicação, teve colaboração na repressão de alguns jornais durante os 21 anos de regime militar. A série documental “Folha Corrida”, dirigida por Chaim Litewski e produzida pela Terra Firme, investiga como o Grupo Folha teve relação e contribuição com os militares durante o período ditatorial (ICL Notícias, 2025). Essa investigação foi realizada a partir de documentos da Folha de São Paulo, arquivos oficiais, imagens, jornais e entrevistas com pessoas que vivenciaram aquela época. A imprensa comercial e a repressão estavam ligadas aos militares da época, que com as “provas” necessárias e a certeza de que realmente houve essa aliança, realizaram a série documental.

Com essa série da Folha de São Paulo, descobrimos que o jornal teve colaboração material direta com os tempos de repressão. Caminhões e carros da empresa foram usados por agentes da Operação Bandeirante (OBAN) e do DOI-CODI para realizar os sequestros e perseguições de perseguidos pelo regime. Viaturas eram personalizadas e disfarçadas como de entrega de jornais, que, na época, eram impressos, para facilitar as armadilhas dos militares. Esses carros eram

vistos em centros de detenções por presos políticos, o que ajudou a comprovar tais relações.

Há ainda que mencionar a figura importante que foi Vladimir Herzog, jornalista, professor e militante de esquerda. Ele ficou conhecido mundialmente como um símbolo da luta contra a ditadura militar brasileira e a favor da democracia (Instituto Vladimir Herzog, s./d.), pois foi torturado e morto por agentes na época da ditadura militar. Primeiramente, sua morte foi apontada pelo governo ditatorial como causada por suicidio, porém logo [o real motivo de sua morte veio à tona: ele havia sido morto após sessões de tortura. Herzog foi (e ainda é) lembrado pela luta pela liberdade de expressão.

Dar destaque a pessoas como Herzog é indispensável quando se estuda a ditadura militar e o jornalismo. A ditadura militar era inimiga da imprensa, utilizava a censura como forma de silenciamento aos jornais, aos jornalistas e aos que se posicionavam contra o seu governo.

Mariana Joffily (2018), no texto “Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas", destaca as diferentes percepções do golpe de 1964 e as posições políticas durante esse tempo. A autora aborda o apagamento da militância negra durante a ditadura no Paraná e cita que, durante o golpe de 1964, as pessoas eram censuradas, havia falta de transparência nas eleições e liberdade partidária. Pessoas consideradas minorias e de partidos diferentes eram alvo de silenciamento.

Segundo informações do Ministério da Gestão e Inovação em Serviços Públicos (2024), a militância negra foi reprimida durante a Ditadura Militar no Brasil, impedindo que lutas de contestação pudessem crescer no país. As pessoas que rejeitavam as ideias do regime militar ou que participavam de alguma luta/grupo social eram perseguidas. Nota-se que nos anos 1970 e 1980, os negros eram os principais alvos de perseguição, tendo em vista o aumento dos números nas prisões políticas, torturas e mortes de pessoas pretas. Esses crimes foram registrados apenas depois de alguns anos.

> O Movimento Negro não escapou da perseguição da ditadura, por conta das manigestações de cunho racial. Os militares conseguiram distorcer o mito da democracia racial a seu favor, tacharam os militantes de impatrióticos, racistas e imitadores dos ativistas norte-americanos (que lutavam pelos direitos civis) (Keny, 2024)

Portanto, durante esse período, as pessoas negras foram alvo de perseguição dos militares da época. Sobretudo, as mulheres que participavam de ações, protestos políticos e contra o regime. Em razão disso, elas sofriam com métodos de crueldade por parte do governo, que cometia crimes de gênero e sexuais, muitos praticados por militares da época.

> O *modus operandi* do sistema repressivo atuou de forma misógina, utulizou-se da discriminação de gênero para reforçar os estereótipos femininos de submissão e dependência emocional, afetiva e política… os repressores não deixaram de "reconhecer" a tenacidade e a capacidade de luta das mulheres para empenhar a militancia de esquerda e as torturaram igualmente como os demais, sem ignorar suas diferenças, usaram delas para praticar as mais diversas e cruéis atrocidades (Comissão Nacional da Verdade, 2014, p.2)

Entre 1950 e 1964, as mulheres, em geral, não tinham o reconhecimento e empoderamento promovido pelo movimento feminista e em sua maioria viviam em um padrão ideológico de submissão (Comissão Nacional da Verdade, 2014). Criada pelo Partido Comunista, a Federação de Mulheres no Brasil tinha como principal objetivo impulsionar mulheres a lutar pelas mudanças sociais. Porém, como as mulheres eram excluídas desse contexto político, Juscelino Kubitschek fechou a federação e declarou na época, o seu pensamento misógino e machista de "não compreensão da questão das mulheres". Além dessa opressão, os homens comunistas da época não se manifestaram em favor delas.

Para apoiar o governo da época, foi criada a Campanha das Mulheres pela Democracia (CAMDE), no estado do Rio de Janeiro, e a Liga Democrática de Mulheres pela Democracia (LIMDE), em Belo Horizonte, Minas Gerais. As mulheres que participavam dessas fundações faziam parte da classe média alta e eram católicas, elas tinham o intuito de mobilizar outras mulheres na "Marcha com Deus Pela Família e Liberdade". Essas marchas contavam com o apoio do governo militar, marcadamente misógino, em que a ideologia antiesquerda e anticomunista era o principal foco.

As mulheres foram induzidas, perante a ditadura, à esterilização e a experimentações em massa com substâncias reprovadas na Europa e, no Brasil, eram obrigadas a ingerir medicamentos sem controle por parte das autoridades. O uso de substâncias ilegais como meio contraceptivo era voltado, principalmente, a mulheres pobres e negras. Os serviços públicos de saúde não ofereciam sequer informação e orientação sobre o uso de contraceptivos (Comissão Nacional da

Verdade, 2014, p.6) e as mulheres, sem acesso à saúde pública, usaram por muito tempo esses medicamentos de forma inadequada, o que causou grandes taxas de esterilização feminina.

A censura do regime militar fez com que muitos veículos de comunicação fossem silenciados, visto que os militares usavam do seu poder para limitar as informações e reprimir a oposição. Na época, a Lei de Segurança Nacional, também conhecida como “Lei de Censura à Imprensa”, estabeleceu em 1969 um quadro legal para a proibição e contenção da contraposição, a imprensa alternativa. As revistas Realidade e Pif Paf e os jornais O Pasquim, O Sol, Coojornal, Jornal da Amazônia, Jornal Movimento e Opinião faziam parte da imprensa alternativa, sendo reprimidos.

Segundo o Portal Memórias Reveladas (2022), o período de repressão ressaltava o controle ideológico e a manutenção da ordem capitalista. A censura, assim, desempenhou papel fundamental na implantação e na consolidação da ditadura, silenciando a uns e servindo a outros (Memórias Reveladas, 2022). Sabia-se que muitos canais de comunicação estiveram a favor da decisão dos militares:

> Lembrar dos jornalistas que resistiam ao arbítrio não pode implicar no esquecimento daqueles - jornalistas e jornais - que estiveram a favor do arbítrio, louvando em suas páginas os grandes feitos dos militares, suas conquistas econômicas e pacificação do país, celebrando a eliminação dos terroristas e dos maus brasileiros que ameaçavam a ordem e o progresso (Memórias Reveladas, 2022).

Essas e outras palavras apareciam com frequência na grande imprensa, não só pela censura, mas reproduziam a forma que seus editores e leitores recebiam a realidade. Sendo assim, muitas das revistas oprimidas na Ditadura Militar acabaram falindo. Como a Opinião, fechada em 1977, e o Semanário fechado em 1981. Não foram fechadas só as publicações que criticavam o regime militar, mas revistas especializadas em áreas culturais, cinema, música, artes cênicas, artes visuais, entre outras.

A televisão, nos anos 1960 e 1970, apresentava um período de transformação no Brasil, marcada pela expansão da cobertura, surgimento de redes, a introdução de novas tecnologias, tudo isso sob o contexto político da ditadura militar. Em 1960 a televisão se popularizou, embora os aparelhos fossem caros. Logo, em 1970, a TV se consolidou como o principal meio de comunicação. O telejornal durava o tempo

que fosse necessário para a transmissão de todos os fatos e imagens (Mello, 2009, p. 1).

2.2 O negro no jornalismo

No mercado de trabalho e na sociedade, as pessoas mais discriminadas são pretas ou pardas em que se manifestam os menores salários, menor acesso a cargos de liderança e maior incidência de racismo e violência. Embora a escravidão tenha terminado, seus legados persistem e se revelam, manifestando-se na exclusão de pessoas negras no mercado de trabalho.

> “O país amarga uma taxa de desemprego mais alta para a população negra, principalmente, para mulheres negras. A exclusão do mercado de trabalho leva esses trabalhadores a exercerem atividades precarizadas e até condições análogas a escravidão (Ministério do Trabalho e Emprego, 2024)”.

Além disso, mulheres negras são mais prejudicadas no mercado de trabalho. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do 2 trimestre de 2024 do Ministério do Trabalho e Emprego revelam que nesse período havia 7,5 milhões de desocupados, uma média de 6,9% dessas pessoas. Desse modo, 4,6% são homens negros e 10,1% são mulheres negras.

Porém, a escolaridade vem aumentando. Os dados do RAIS nos mostram que a população brasileira, no segundo trimestre de 2019 a 2024 tem diminuido o número de jovens com o nível médio de escolaridade imcompleto, com números altos para mulheres e homens negros.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos mostra que em 2019, o Brasil tinha mais de 13 milhões de pessoas em extrema pobreza, desses, 10,1 milhões se declararam pretos ou pardos. Além disso, sabe-se que a desigualdade social no país está presente em vários aspectos, em que pessoas pretas e pardas fazem parte de 13,6% de brasileiros desempregados, enquanto 9,3% das pessoas brancas. Outro ponto de vista baseia-se na renda nesses empregos, os brancos tinham o salário acima das pessoas negras.

Segundo o Jornal da Universidade Federal de São Paulo (USP), (2023), em um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 20% das pessoas negras ou pardas são profissionais de jornalismo no Brasil. Embora 56% da população seja negra ou parda e que haja um crescimento sobre a representatividade negra no país, isso ainda está em falta no meio jornalístico. Esta questão se dá pela herança cultural e racista quando o país recebeu maior número de pessoas escravizadas vindas da África. Durante os anos, o acesso da jovem negra ao ensino superior universitário no Brasil tem mudado esse cenário. Contudo, o ensino superior é ainda, concretamente, um teto de vidro para a mulher negra portar o diploma que dá acesso – ou certifica – para o ingresso em determinadas carreiras, a exemplo do jornalismo (Moura; Costa, 2018, p.197).

Outro debate em evidência é a representação de pessoas negras em cargos com patamares de maior visibilidade dentro da imprensa. O professor Paulo Eduardo Alves da Silva, professor da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP) da USP expõe que “pessoas negras estão presentes em profissão de menor valorização e quase nunca, salvo honrosas exceções em posições mais valorizadas” e ainda acrescenta que “o racismo é uma triste herança da nossa história que estupidamente preservamos”.

O Perfil Racial da imprensa brasileira (2021) nos traz alguns pontos a serem analisados no que é discutido a partir de raça, imprensa, jornalismo, representatividade, salário e formação escolar desses entrevistados. A pesquisa nos mostra dados comprovando a ideia anterior de pessoas negras ocuparem uma porcentagem menor em cargos de liderança. Isso porque 61,8% dos jornalistas brancos ocupam cargos de maior “relevância” na imprensa, como repórter, redator e produtor (Perfil Racial da Imprensa Brasileira, 2021).

Na fase 3 da pesquisa, foram feitas entrevistas com 202 pessoas jornalistas e negras, tendo em vista a identificação dos tipos de ações racistas que são praticadas e dadas uma indicação sobre o nível de incidência delas no recorte racial dessas entrevistas. Logo, foi dada identica quantia do perfil, sendo 50% sexo masculino e 50% do sexo feminino. Na faixa etária entre 26 e 25 anos; logo entre 36 e 42 anos e por fim, 46 a 60 anos. Os estados com mais jornalistas negros representados na pesquisa são São Paulo (SP), com 44,1% e Destrito Federal (DF), com 9,4%, Rio de Janeiro (RJ) com 8,9% e Ceará (CE), com 8,4%; e com menos

está na posição Goias (GO), Mato Grosso do Sul (MS), Rio Grande do Norte (RN), Rondonia (RO) e Roraima (RR), todos com 0,5%.

Foram divididos em cargos gerenciais, que ocupam 38,6% e cargos operacionais, com 61,4%. Os cargos operacionais tem maior número de pessoas negras trabalhando, pois esses dados nos comprovam a ideia de que o racismo estrutural está presente na imprensa e nas próprias ramificações dentro do jornalismo. Nos operacionais, os repórteres e apresentadores representam 46,5%, os redatores 9,9%, os diagramadores 0,5% e outros ocupam 4,5%. Já nos cargos gerenciais, os diretores exercem 8,4%, os editores chefe 9,9%, editor executivo 4,0%. Com 0,5% ficam os colunistas negros.

O resultado disso é o racismo que o especialista negro de jornalismo enfrenta em toda sua vida, tanto na sociedade quanto na vida profissional. Mesmo que a luta antirracista esteja mais presente na atualidade e cada vez mais o assunto é mais discutido, a marca da discriminação está registrada em praticamente toda a base entrevistada, e, provavaelmnete, em todos os negros no jornalismo no Brasil (Poder 360, p.22). 86% dos entrevistados afirmam ter sofrido racismo no ambiente de trabalho, e 35% afirmam ter desenvolvido na carreira no atual veículo em que trabalham e que se deparam com mais dificuldades que jornalistas brancos. Além disso, os principais atos de racismo são afirmados pelos participantes no trabalho atual, em que na vida profissional o racismo é sempre sutil, mascarado. Afirmam também, que os demais não acreditam que o jornalista atua por conta de sua cor de pele ou até mesmo é confundido com outros serviços tidos socialmente como “inferiores” como serviços gerais e limpeza. O tratamento se apresenta diferenciado por parte dos seguranças de eventos e até mesmo pela polícia.

O texto “O negro no telejornalismo: breve estudo sobre a imagem discursiva de Glória Maria, Heraldo Pereira e novos rostos no jornalismo de televisão”, de autoria de Cárlida Emerim e Edna de Mello Silva (2023), aborda os jornalistas negros na televisão do Brasil e as lutas vividas por eles na impensa, espaço em que o racismo estrutural está presente, afetando diferentes âmbitos. É notória a ausência de pessoas negras em vários cargos superiores, lacunas de profissionais negros como apresentadores de telejornais não deixam de ser uma forma de preconceito e discriminação (Emerim e Silva, 2023, p.2), considerando aspectos como “espelho” do grupo social e o pensamento conservador.

As representações midiáticas e a identidade racial são estudadas a partir do teórico Stuart Hall, que discute como as mídias estereotipam a raça em relação a pessoas pretas (Hall, 2004). A representação de pessoas negras é essencial para que as ideias sejam compartilhadas entre membros de uma mesma cultura (Hall, 2004).

A Imprensa negra no Brasil começa no ano de 1833 com o primeiro jornal publicado e registrado na Biblioteca Nacional, O Homem de Cor, no Rio de Janeiro. Esse jornal foi um marco importante para o jornalismo brasileiro porque deu voz a pessoas negras, marginalizadas e silenciadas pela sociedade. Desempenhando um papel importante na luta antirracista, defendeu a dignidade e a os direitos de pessoas negras juntamente com a promoção de debates e reflexões que refletem até hoje.

As autoras do texto “Jornalismo negro e história silenciada: Uma análise do epistemicídio no currículo de cursos de jornalismo no Brasil” abordam a forma de produzir jornalismo realizado por pessoas negras, com o objetivo de retratar essa população de maneira abrangente e combater o racismo (Cardoso; Vilas Bôas, 2024), além de interligar com os espaços e associações dos movimentos em territórios afro no Brasil. Nesse sentido, a perspectiva da história e a narrativa descrita da imprensa do país vem de pessoas brancas e europeias, em que há hierarquização na maneira de contar sobre o surgimento do jornalismo. Nota-se que a Europa colonizadora silenciou e desconsiderou outros tipos de publicações.

> História conhecida e contada pelos autores citados, o gesto historiográfico de demarcar o jornalismo brasileiro como algo que nasceu com a vinda da Família Real portuguesa à sua colônia e/ou que surgiu dos escritos de um brasileiro em Londres. Esse gesto revela, sobretudo, uma visada colonizada sobre a produção jornalística do país que para ganhar reconhecimento e legitimidade precisa tanto reproduzir as formas de fazer do jornalismo europeu e suas premissas alçando-o ao posto de jornalismo, no singular; quanto situar-se espacial e temporalmente na relação de proximidade com a corte portuguesa (Cardoso; Vilas Bôas 2024, p.6).

Nas redações, mesmo após a redemocratização a partir de 1985 e o crescimento de debates sobre diversidade e direitos humanos, o jornalismo continuou com a maioria dos redatores brancos. A história pode ser transformada quando abrimos o leque para outras perspectivas (Cardoso; Vilas Bôas, 2024, p.7) a partir das visões do mundo e oportunidades igualitárias dadas a essas pessoas.

Com isso, Hall (2016) reforça o avanço da “aceitação” de pessoas negras e sua cultura, com visibilidade em vários locais. Tem reconhecimento como grandes artistas e atletas, personalidades da moda e protagonistas de comerciais, filmes, ficções-seriadas e telenovelas na atualidade. A aceitação e a presença da população negra na cultura popular é hoje bem mais expressiva do que nas décadas passadas (apud; Becker, Silva, 2018, p.208; Hall 2016). O autor visa garantir aos negros a igualdade de oportunidades, a defesa de direitos étnicos individuais e coletivos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância.

Bem como, destaca que mesmo com esse reconhecimento, o racismo ainda está enraizado na sociedade uma vez que o passado escravocrata no Brasil deixou marcas e uma estrutura social desigual. Embora a visibilidade dos negros cresce na mídia e eles podem se tornar celebridades, antigos padrões de representação cristalizados e formas antiga de discriminação permanecem, como a contínua demonização da juventude negra na cobertura sobre crimes e desordens em coberturas jornalísticas (Becker, Silva, 2018; p.209), está esteriotipado que na mídia os jovens negros são apontados e marginalizados quando está relacionado a um crime, isso se dá por vários fatores sociais e culturais. As oportunidades não são as mesmas, as representações são estereotipadas e a política pública não se aplica com eficácia.

2.3 Gênero e interseccionalidade

Na década de 80 a teórica feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989), tornou-se reconhecida por ter evidenciado o conceito de interceccionalidade para explicar as diferentes formas de opressão, raça e genero, se cruzam e se conectam, atribuindo experiências relacionadas com essas características.

Sabemos que, no Brasil, as mulheres jornalistas sofrem todos os dias com a discriminação de gênero, além de serem vítimas de todo o tipo de assédio e violência. Em 2017 foi realizada uma pesquisa pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a Gênero e Número, que apontou que 64% das jornalistas da redação responderam que já sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes ou até das próprias fontes. Não só em nosso cotidiano, mas também e, principalmente, em ambientes de trabalho, em que se verifica que a sociedade se

manifesta machista e patriarcal. O caso mais chocante em que a jornalista Sandra Gomide foi assassinada pelo ex-chefe de redação Antônio Pimenta Neves e que sofria constantemente assédio moral, assédio sexual e violência de gênero.

Um ano antes, em 2016, mulheres jornalistas tiveram uma iniciativa intitulada “Jornalistas contra o assédio”, o grupo criou uma comunidade no Facebook e produziram vídeos com a participação de homens jornalistas falando sobre o fim do assédio em locais de trabalho. Para mudar esse cenário de assédio e misoginia no ambiente profissional é necessário que:

> “as mulheres não se isolem e se apoiem, fortalecendo os laços de solidariedade e não silenciando os sofrimentos patogênicos vivenciados. É um caminho que começa a ser trilhado. As mulheres estão se unindo ao perceber que podem mudar as condições inóspitas no trabalho”. (Koshiyama; Reimberg, 2018, p.30)

Quando as mulheres juntam-se para denunciar assédio é causado um desconforto, exposição da vítima, desgaste emocional além da indiferença por parte de outras pessoas, não levando em consideração os sofrimentos e sentimentos das atingidas.

Outra realidade das mulheres se trata da marginalização das mesmas em que sua força de trabalho tem menor valor quando comparada a uma figura masculina. A elas são reservadas as piores ocupações. Os salários são menores. Os cargos de liderança são dominados por homens. Os conflitos de classes são atravessados pelas contradições de gênero e de etnia, em que as mulheres sofrem mais os efeitos da apropriação privada do seu trabalho social do que os homens (Koshiyama; Reimberg, 2018, p.21). Em que dois polos extremos com jornalistas bons e qualificados têm ganhos distintos, mulheres com pouco reconhecimento social, salários baixos e uma alta qualificação, assim como os homens. Fica perceptível esta questão de desigualdade quando questões de maior valor dentro da empresa quanto ao rendimento se dá para homens que trabalham e são intitulados como “criativos, responsáveis, com capacidades técnicas e de autossuficiência no ambiente de trabalho”. Visto que as mulheres têm a mesma, ou até maior competência no mesmo cenário e não são valorizadas a altura.

Essa exigência da “perfeição” as obriga a desempenhar múltiplas funções simultaneamente, como trabalhar, cuidar da casa, dos filhos e da aparência. Tudo isso sem apoio de outras mulheres e de políticas públicas de defesa.

Segundo Lago, Kazan e Thamani (2018), é analisado um aspecto de vários cruzamentos de distriminação e opressão a pessoas negras, em que é notório que as mulheres são o principal alvo de sexismo e racismo na sociedade.

> Corpos negros, por exemplo, em uma sociedade racista como a nossa, são pouco aceitáveis em inúmeros espaços, devendo se restringir aos espaços da marginalidade; assim como corpos feminilizados também devem ser contidos – em que pese que as contenções variam a partir de recortes outros, como raça e classe (Lago, Kazan, Thamani; 2018, p. 125).

Mas que em outras circunstâncias podem cruzar no processo, como idade, local de origem e a sexualidade. “Dos corpos “certos” e dos corpos desviantes, em todas as direções possíveis. E dos lugares aceitáveis para sujeitos e seus corpos, certos e errados” (Lago, Kazan, Thamani; 2018, p.125). Esse estereótipo reforça que as pessoas que não se encaixam nos padrões são marginalizadas e automaticamente excluídas da sociedade, trata-se natural a cultura de imposição de gênero, corpo e sexualidade alheia. Além disso, a maioria trata esse pensamento preconceituoso como algo natural de pensar, sentir e idealizar. Entrecruzamentos que criam realidades muito complexas e que precisam ser olhados nessa complexidade, sob pena de não se perceber fatores intervenientes que aguçam a vulnerabilidade dos sujeitos e dos grupos identitários (Lago, Kazan, Thamani; 2018, p. 129).

No processo de mobilização para a Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver, são relatadas situações de violência pelas quaisas mulheres negras brasileiras passam, desde atos relacionados à perspectiva de violência de gênero, violência no contexto urbano, violência obstétrica, vulnerabilidade de jovens negras, negligência e imperícia no sistema de saúde, intolerância religiosa, racismo na internet e racismo institucional, dentre outras dimensões, em que “lógicas heterossexuais, sexistas, classistas e coloniais (Lago, Kazan, Thamani; 2018, p.2)” corroboram para que essa ideia prossiga a um pensamento aceitável na sociedade.

A mulher negra no Brasil está entre os grupos que foram constituídos por exclusões dentro da exclusão – em que ramificações de exclusão em camadas se

alimentam nesse contexto. Encontramos a ‘mulher negra’, a ‘mulher negra nordestina’, ‘a mulher negra favelada’ ou, por outro lado, a ‘mulher indígena’ (Moura, Costa; 2018, p.196). No geral, as mulheres negras são induzidas a se excluírem da sociedade, sendo induzidas o tempo todo a uma rivalidade feminina dentro dos subgrupos de mulheres, porém essa subdivisão acaba enfraquecendo tudo o que conquistamos e idealizamos ao longo dos anos relacionados ao feminismo e a sororidade entre nós mulheres.

Moura e Costa (2018) reforçam os inúmeros ataques a mulheres, considerando as situações de violência que vivenciam ao longo da vida, no capítulo “Mulheres jornalistas e o “teto de vidro gênero/raça/classe” a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras”, que justamente aborda esse cenário negativo as condições das jornalistas negras e socioeconômico político que sustenta e mantém barreiras relacionadas à interseccionalidade raça/gênero/classe. Os estudos de Sociologia das Profissões identificam a existência de concentrações horizontais e verticais nos campos profissionais, no que concerne a ter uma maior ou menor presença de homens e mulheres em determinadas áreas da profissão por meio da concentração horizontal e vertical (Moura, Costa; 2018; p.197).

2.4 Legado e entrevistas de Glória Maria

Figuras importantes no jornalismo são lembradas pela televisão brasileira e, quando pensamos em exemplos de mulheres negras, destaca-se a jornalista Glória Maria com o seu legado e influência. Ela era conhecida pela sua grande desenvoltura em frente às câmeras e suas coberturas jornalísticas marcadas por acontecimentos importantes para a história do Brasil e do mundo.

Glória Maria fazia um jornalismo sem medo. João Figueiredo foi militar e último presidente do Brasil durante a ditadura militar (1964-1985), ficando no cargo do ano de 1979 até 1985. Durante o seu mandato, alongou a Lei da Anistia, a partir da qual os perseguidos politicamente poderiam regressar ao emprego e os exilados aos seus países.

Em 2020, em entrevista ao programa “De frente com Bial”, a jornalista falou sobre seu começo de carreira durante a ditadura militar e sua expulsão de uma coletiva pelo presidente da época, então João Figueiredo. Glória afirmou que o seu

grande estudo na gramática da língua portuguesa foi o ponto de partida para que o coronel ficasse inconformado com a correção da jornalista.

Na entrevista, Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política (Globo Comunicação e Participações S.A., 2025). A jornalista abordou questões relacionadas ao racismo e compartilhou experiências desafiadoras durante sua cobertura política. Pedro Bial lembrou da cobertura da Copa do Mundo em Paris em 1988, e lembrou que Glória Maria foi a primeira pessoa a evocar a Lei Afonso Arino, porque em 1970, ao ser impedida de entrar em um hotel no Rio de Janeiro por conta de sua cor, ela chamou a polícia e processou o gerente, utilizando a lei para denunciar o racismo.

> A Lei Afonso Arinos prevê penas de reclusão de um a cinco anos e multa para os condenados por práticas racistas. Além disso, ela estabelece que o crime de racismo é inafiançável e imprescritível, ou seja, não pode ser objeto de fiança nem perde a validade com o passar do tempo (Fundação Cultural Palmares, 2023).

"Naquela época o racismo não era crime, era considerado uma contravenção", afirma Bial ao entrar na pauta racial com a entrevistada Glória Maria. Ele ainda questionou ela sobre uma perspectiva de diferença no país referente ao racismo. "O Brasil está racista igual, a diferença é que hoje as coisas ganham proporções maiores" (Maria, 2020). No ponto de vista da jornalista, a discriminação continua igual na sociedade. Ela descreve que, na atualidade, os casos de racismo são piores que os de antigamente e acrescenta dizendo: "quem não gosta de preto, não gosta. Quem é racista, é racista" (Maria, 2020).

> (...)"ou a própria Glória Maria abordar assuntos raciais ou apresentar jornais de grande audiência, que essa discriminação irá mudar. Pessoas com pensamentos preconceituosos são incapazes de mudar, tem maneiras de exercitar o racismo, percebem o ato e têm plena consciência de que estão sendo racistas "ela é negra e tem que ser discriminada ou diminuída…quem é racista tem o prazer em ser racista e diminuir o outro" (Maria, 2020).

Glória Maria, no começo de sua carreira, foi alvo de muitas criticas, entre elas a justificativa de estar ocupando o espaço como repórter/jornalista em razão do Movimento Negro. "Sempre há uma justificativa para estarmos ali" (Maria, 2020). Primeiramente, "o racista questiona sua conquista e seu lugar, invalidando sua capacidade do seu trabalho" (Maria, 2020). Apesar da tentativa de mantê-lo escondido, o racismo no Brasil é estrutural e notavelmente presente (Gallo, 2024, p.20).

Na perspectiva de Glória Maria sobre o contexto de igualdade de raça, etnia e gênero, as pessoas negras têm esse “radar” quanto a pessoas racistas “quando você nasce negro, você reconhece um racista a 30 quilômetros de distância (Maria, 2020)”.

A jornalista trabalhou como repórter e apresentadora durante o período da ditadura, no qual sofreu inúmeros casos de racismo. Ela descreveu o regime militar como um período em que “tudo era proibido, nenhum questionamento poderia ser feito” (Maria, 2020), caso contrário, como jornalista, teria que parar de fazer a cobertura do jornal.

Na série documental “Glória” , transmitida pela emissora Globo no dia 28 de abril de 2025, há depoimentos e imagens inéditas e revelações sobre Glória Maria. Distribuída em quatro episódios, a série mostra o impacto de Glória no jornalismo e o porquê de ela conquistar o coração do público. O audiovisual é composto de relatos de casos importantes da sua carreira, coberturas e reportagens apresentadas por ela, como as entrevistas com Michael Jackson e Madonna, e o primeiro voo exibido pela TV brasileira. Nesse primeiro episódio a jornalista conta que, quando criança, estudava na Escola Municipal Rivadávia Corrêa no Centro do Rio de Janeiro, e expôs um episódio marcante daquela época. Ela alegava ouvir gritos vindos de uma delegacia localizada em frente à escola. Anos depois, foi entender que aquilo tratava-se de pessoas torturadas na ditadura militar.

3. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva. A estratégia metodológica desta pesquisa também prevê a realização e análise de entrevistas com jornalistas negras (formadas ou estudantes) sobre a influência de Glória em suas opções pelo Jornalismo, além de pesquisa bibliográfica sobre a jornalista.

Os dados foram coletados em três materiais audiovisuais. Os dois primeiros tratam-se de vídeos disponíveis no YouTube, e são duas edições diferentes do programa “De Frente com o Bial”, com o renomado jornalista Pedro Bial. Essas edições foram ao ar na Rede Globo no dia 18 de maio de 2020. O terceiro material é uma série especial de 60 anos da Rede Globo, produzida em 2025 e exibida dia 27 de abril no mesmo ano, o documentário trata-se da jornalista Glória Maria que está disponível na plataforma de *streaming* da Globo Play.

Na realização das entrevistas com as quatro fontes para avaliação da influência de Glória Maria em suas carreiras, são aplicadas cinco perguntas que exploram os temas da ditadura, da profissão jornalística de mulheres negras e da própria influência da jornalista Glória Maria para estas mulheres. As cinco entrevistadas foram selecionadas a partir de dois critérios obrigatórios: serem mulheres negras e jornalistas ou estudantes de jornalismo, com uma diversidade de idade.

3.1 Técnicas metodológicas

As técnicas metodológicas contempladas nesta pesquisa são: revisão bibliográfica, análise de conteúdo sobre materiais audiovisuais e análise de conteúdo sobre as respostas das entrevistas estruturadas.

A revisão bibliográfica fundamenta a pesquisa a partir das contribuições proporcionadas por investigações anteriores. Ou seja, não pode ser constituída só por referências ou sínteses dos estudos e sim por discussão crítica do “estado atual da questão” que está sendo pesquisada no estudo (Gil, 2017, p.162).

Os vídeos são verificados à luz da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), que identifica o discurso da entrevistada Glória Maria no que se refere às expressões alinhadas aos nossos objetivos de pesquisa. Investigamos os trechos sobre a

ditadura e o posicionamento da jornalista Glória Maria, além de verificar marcas nas expressões sobre o fato de ela ser uma jornalista negra. Os traços pessoais mais ou menos permanentes, o estado do locutor ou a sua reação a uma situação, modificam o discurso tanto na sua "forma" como no conteúdo (Bardin, 2016; p.185). Além da autenticidade de um documento (literatura, história), a psicologia clínica (psicoterapia, psiquiatria), os discursos políticos ou os que são susceptíveis de veicular uma ideologia (retórica) (Bardin, 2016; p.186). As análises do discurso ou da narrativa (encadeamento lógico, arranjo de sequências, estrutura narrativa, estruturas formais de base).

Nesta pesquisa são analisados três materiais que são embasados em Análise de conteúdo (Bardin, 2016) com as técnicas em Análise de expressão. A Análise de Conteúdo é usada para pesquisa qualitativa e para analisar entrevistas, falas, textos e tudo que comunique algo. A ideia é identificar padrões nas falas ou textos dos conteúdos escolhidos. Bardin (2016) propõe três etapas da análise: pré análise- quando seleciona os textos, o material, define os objetivos e uma leitura atenta. Posteriormente, a exploração dos dados: toda a informação será “recortada” em dados menores, em que criamos categorias. Já na última etapa, tratamento e interpretação: os dados categorizados devem ser analisados, observar os resultados e relacionar com o tema. A análise de expressão é classificada sob várias técnicas, classificadas sob a denominação de análise de expressão. Com efeito, os indicadores utilizados não são de ordem semântica (conteúdo plano dos significados) mas de ordem formal (plano dos significantes e da sua organização) (Bardin, 2016; p.185). Também definida como algo que é dito, buscando entender a forma de expressão do emissor. Seja no tom, nas emoções, ironias nas linguagens, nos recursos linguísticos entre outros.

Dois destes materiais tratam-se de entrevistas dadas pela Glória Maria no programa “De frente com Bial”, uma intitulada “Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política” e outra “Glória Maria começou carreira durante a ditadura e foi expulsa de coletiva por Figueiredo”. Em “O método” a pré-análise como dita no texto, é a fase de organização propriamente dita, período de intuições. Com os documentos escolhidos para análise, as hipóteses e os objetivos. O objetivo desta análise é justamente provar que a hipótese está ou não correspondendo com a atuação da jornalista Glória Maria durante o período da

ditadura no Brasil; A influência de Glória Maria na carreira de outras mulheres negras jornalistas e a representatividade da jornalista enquanto legado.

As pautas: gênero, negra, racismo, raça, jornalismo, ditadura aparece várias vezes nas entrevistas que analisei e são tratados de forma clara e discursiva. Tendo em vista a Glória Maria e a junção de opiniões das entrevistadas.

Com isso, além do conteúdo audiovisual supracitado a ser analisado, foram analisadas as respostas das mulheres entrevistadas.

As entrevistas estruturadas consistem em formas de acessar complementarmente as informações dos materiais analisados. Segundo Gil (2007), elas podem ser, enfim, totalmente estruturadas quando se desenvolvem a partir da relação fixa de perguntas.

As entrevistas têm três eixos de exploração, a saber:

a) Analisar a resposta das entrevistadas quanto à influência da Glória Maria para as carreiras, indicando o propósito e legado para representado pela jornalista.

b) Verificar a influência da Glória Maria na vida profissional e acadêmica das entrevistadas

c) Examinar entrevistas audiovisuais, verificando a posição da Glória Maria quanto a ditadura e como mulher negra jornalista

3.2 *Corpus* de pesquisa

Utilizando como instrumento de verificação qualitativa a análise de conteúdo, o *corpus* é composto de:

a) Vídeo com a Glória Maria em entrevista com Pedro Bial sobre ditadura e racismo, com duração de 57 segundos. https://globoplay.globo.com/v/11332581/

b) Vídeo com Glória Maria em entrevista com Pedro Bial, com duração de 11 minutos e 25 segundos https://globoplay.globo.com/v/8563377/

c) Documentário “Glória” - Globo 60 anos, composto de quatro episódios, dois com duração de 1 hora e dois com duração de 44 minutos cada um. O analisado tem duração de 1 hora. https://globoplay.globo.com/v/13522444/?s=0s

d) Respostas de quatro entrevistas

As entrevistadas foram escolhidas com um único critério, serem mulheres negras. Escolhi duas jornalistas formadas e duas estudantes do curso de Jornalismo, como conexão com Glória Maria, que é mulher, negra e jornalista. As entrevistadas são: Eduarda Medina de 22 anos, formada em jornalismo pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Maria Clara Castelo de 19 anos, estudante do segundo semestre de jornalismo, também pela UNIPAMPA; Mirella Archangelo de 18 anos, estudante de jornalismo pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP); e Yasmin Silva Lima de 28 anos, jornalista independente.

3.3. Glória Maria: mulher, negra e jornalista

Glória Maria Matta da Silva começou a atuar como jornalista em 1970 na radioescuta da Globo. Permaneceu na área do jornalismo até 2023, no ano de seu falecimento. A ícone é lembrada por várias causas sociais em que era inserida e seu jeito único de fazer jornalismo. Segundo o site Primeiros Negros (2021), em 1971 fez seu primeiro trabalho como repórter da emissora Globo, cobrindo o desabamento do Elevado Paulo de Frontin no estado do Rio de Janeiro. Logo, em 1977, foi a primeira jornalista a aparecer ao vivo no Jornal Nacional, ao vivo e a cores.

A jornalista nasceu em 15 de agosto de 1949, em Vila Isabel, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Morou nessa região da cidade, mas também passou por Madureira, Oswaldo Cruz e na Zona Oeste, em Jacarepaguá. Glória Maria contou em entrevista com Mano Brown no Podcast “Mano a Mano” que sua família era descendente de africanos, cultuavam algumas tradições dos antepassados. Contou ainda sobre muitos de seus familiares foram escravizados, sua avó paterna e seu bisavô. Formou em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e atuou como telefonista na empresa Embratel. Entrou na rádio-escuta da Globo Rio em 1970, por indicação de uma amiga e logo tornou-se repórter da emissora Rede Globo.

Curioso pensar que Glória Maria afirmou em entrevista que não gostaria de uma bibliografia e que não escreveria uma, ela assumiu que mudou algumas datas para que sua vida não fosse exposta como uma decisão de tradições familiares a noção do tempo, diferente do tempo ocidental. Sua avó era mãe de santo da Umbanda. E a jornalista sempre relembrou esses momentos da avó com os netos,

reunia todos os netos em uma roda de contos que reforçava o compartilhamento de conhecimentos a partir da fala.

Entre os grandes acontecimentos na sua trajetória, sucedeu um conflito com o último presidente da ditadura militar, João Figueiredo. Durante uma entrevista com ele, ela foi vítima de racismo pelo general militar. Isso tudo aconteceu porque Glória Maria corrigiu um erro gramatical em uma fala do presidente. Logo, o comandante mandou “tirar aquela negrinha da Globo dali”.

Apesar do racismo do político militar, Glória Maria cresceu cada vez mais na carreira e atingiu o topo do sucesso na mesma Rede Globo. Mas nem sempre foi e é assim. Segundo o Jornal Abraji (2021), em pesquisa realizada pelas empresas Jornalistas&Cia, Portal dos Jornalistas, Instituto Corda e I’MAX, verifica-se que apenas 20,1% dos jornalistas se autodeclararam pretos ou pardos. Eles ocupam, predominantemente, cargos de redator, produtor e repórter. Enquanto as pessoas brancas, 61,8%, ocupam cargos de “maior importância”. O estudo aplicou questionário e foi respondido pelos próprios jornalistas da redação. Essa foi a primeira etapa da pesquisa. Eduardo Ribeiro (2021), diretor da newsletter Jornalistas&Cia e Portal dos Jornalistas, afirma que “no caso do jornalismo, são muito poucas as ações engajadas na direção da diversidade e do antirracismo”. Com isso, temos a comprovação de que pessoas pretas acabam muitas vezes com poucas figuras de influência na imprensa no país, o que demonstra a pouca inclusão racial. Isso acaba refletindo na remuneração salarial, o que nos mostrou a segunda etapa da pesquisa. Apenas 26,7% dos entrevistados negros da redação desses jornais têm a faixa salarial de até R$3.300. O que demonstra que as empresas devem aumentar o nível de contratação até para o aumento do público que consome as informações do portal de informação, visando assim uma maior representatividade.

Ainda que algumas políticas governamentais tenham criado espaços e oportunidades, elas estão muito aquém de poder abraçar a dimensão e as necessidades dessa população (Emerim e Silva, 2023). Assim, ainda que haja toda uma movimentação governamental, ainda faltam espaços para pessoas negras dentro do jornalismo, sem contar que é recorrente a desvalorização dessas pessoas nesses meios.

Na terceira fase da pesquisa, foram identificadas algumas ações racistas dentro da redação. Pelo menos 202 jornalistas negros entrevistados, sendo 52,3%

mulheres, relataram casos de assédio, misoginia, julgamento de incapaz e “burrice”. A falta de figuras negras no jornalismo afeta a produção e há falta de credibilidade, especialmente relacionada às mulheres. Muitas vezes as pautas raciais, assuntos relevantes, são ignoradas pela imprensa. Esses temas deveriam começar a ser tratados dentro da própria área de trabalho do jornalismo.

> O fato é que antigamente o corpo branco era mais aceito pela imprensa e “bem visto” pela sociedade brasileira. Na atualidade, há um claro percurso de visibilidade dos traços fenotípicos, adotando uma imagem diferente da tradicional, com cabelos naturais e cabelos diversos (Emerim, Silva, 2023, p.1).

Infelizmente, a ausência de jronalistas negros tem um impacto significante para a impresa. A falta de credibilidade de mulheres negras se dá pela discriminação e subestimação de seu rendimento profissional. Portanto, a justiça social e a qualidade das informações não se dá apenas pela falta de representatividade nos meios de comunicação, mas sim por esses outros fatores.

4. ANÁLISE

A análise desta pesquisa ocorre sobre três materiais audiovisuais. Dois que tratam de entrevistas dadas pela Glória Maria no programa “De frente com Bial”, sendo uma intitulada “Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política”, e a outra entrevista intitulada “Glória Maria começou carreira durante a ditadura e foi expulsa de coletiva por Figueiredo”. Além disso, examinamos o primeiro capítulo do documentário “Glória”, uma série documental que celebra a vida e a carreira da jornalista Glória Maria, que foi lançada no dia 27 de abril de 2025 e transmitida pela Rede Globo em homenagem aos 60 anos da emissora.

4.1 Glória Maria no “De frente com o Bial” (2020): ditadura e suas proibições

A ditadura no Brasil foi um regime militar autoritário e nacionalista tendo inicio dia 31 de março de 1964 até 15 de março de 1985, sendo comandada por governos militares, com a deposição do presidente João Goulart. Durante esse período, estabeleceu a censura de imprensa, restrição de direitos políticos e perseguição política e policial aos opositores.

Com isso, na primeira entrevista no “De frente com Bial”, realizada em 2020, o assunto da ditadura é discutido e questionado. O jornalista abordou os ataques que Glória Maria sofreu durante o governo do então presidente João Figueiredo (1979-1985). A entrevista intitulada: “Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política” apresenta comentários sobre o racismo que sofreu durante o governo de João Figueiredo em suas coberturas políticas.

Pedro Bial, para introduzir a entrevista ao assunto de raça e racismo, descreve que Glória Maria foi a primeira pessoa a evocar a Lei Afonso Arinos (Lei n 7.716/89), também conhecida como a Lei do Racismo, um marco na luta antirracista no país, juntamente com a Constituição Federal de 1988, que estabelece a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Em uma de suas falas na entrevista, ao ser questionada sobre mudanças do racismo no Brasil, Glória afirma que “o racismo continua igual, porém toma uma proporção maior” (De frente com Bial, 2020). Em outro trecho do vídeo, a jornalista fala mais sobre o racismo nos dias atuais: “Quem é racista, é racista. Não adianta Glória Maria apresentar o Jornal Nacional, o Globo Repórter ou o Fantástico. Ela é negra? Então

tem que ser discriminada ou diminuída” (De frente com Bial, 2020). Em sua expressão “O racismo continua igual”, Glória aponta que o racismo é o mesmo em sua essência, disfarçado de maneiras mais sutis, porém com um crescimento maior do problema, ainda, de repercussão e visibilidade maior nos dias atuais.

FIGURA 1: *Frame* de Glória Maria em entrevista falando sobre racismo.

Fonte: Globo Play (2020)

A figura 1 mostra Glória Maria na entrevista falando sobre racismo no programa “De frente com Bial”. Ela acrescenta ainda as formas de racismo, aos três minutos e quinze segundos: “As pessoas têm maneiras de exercitar o racismo, percebem e gostam de ser racistas” (De frente com Bial, 2020). Esse trecho evidencia que o ato racista se torna prazeroso, proposital e calculista. Outra justificativa apontada por Glória é a “falta de intenção”, quando praticam uma discriminação racial, mesmo sabendo o que estão fazendo. Como uma satisfação visível do agressor.

Em outro trecho a jornalista ressalta que “o racista tem prazer em diminuir o outro” (De frente com Bial, 2020). Ainda torna-se notório que Glória Maria discute o assunto com um tom de revolta e ao mesmo tempo de ironia, o que reforça o que a metodologia aponta. As rupturas no processo da fala: linguagem agitada, confusa, perturbada” (Bardin, 2016, p.190).

Glória Maria percebeu que sempre havia uma justificativa diferente para os negros que estão no topo, com cargos de poder e uma posição boa dentro do

jornalismo ou em qualquer área profissional. “(...) quando comecei a apresentar as pessoas diziam que era por conta do movimento negro” (De frente com Bial, 2020). No começo de sua carreira profissional, Glória ouviu opiniões externas, as pessoas desprezaram sua capacidade de ser jornalista com competência apenas pela sua cor de pele. “Movimento negro”, o fator social, foi o motivo do sucesso e não o seu mérito pessoal.

Conclui sua fala destacando seu “radar” para identificar pessoas racistas, “(...) você vai aprendendo o olhar das pessoas sobre você. Quando você nasce negro, você reconhece um racista a 30 quilometros de distância” (De frente com Bial, 2020). Na entrevista, a maneira em que se expressa é perceptível pelo seu contexto emocional e pessoal. Ela ainda usa uma expressão metafórica para enfatizar e intensificar a ironia e o emocional na frase “a 30 quilômetros de distância”. A repetição da palavra “você” aproxima o ouvinte. Glória Maria cria uma narrativa em que o leitor se identifica e torna empática a questão do racismo. Os sinais sutis de racismo e preconceito são identificados e perceptíveis a pessoas negras por sua vivência do racismo durante a vida.

Glória diz que seu cabelo *black power* na época era inspirado em Angela Davis e, na entrevista, ela demonstra sua indignação pelas pessoas que conheceram a ativista apenas agora por conta do movimento negro, sem saber sua história de vida e as lutas diárias. “Começaram a usar a Angela Davies só agora para o movimento negro" (De frente com Bial, 2020). A figura abaixo mostra Glória entrevistando na época da ditadura, com o cabelo inspirado na ativista.

FIGURA 2: *Frame* de Glória Maria cobrindo política

Fonte: Acervo TV Globo/ Globo Play, 2020

Ainda descreve a ditadura como um período em que tudo era proibido, “se você fizesse algo de errado, no outro dia teria um aviso que o repórter não poderia mais fazer cobertura” (De frente com Bial,2020). O jornalista era punido por não “seguir na linha” durante a ditadura, uma realidade em que a ditadura impactava o mundo do jornalismo. Na frase “o repórter não poderia mais fazer cobertura”, ela descreve exatamente como eram as consequências do governo ditatorial.

No jornalismo político, Glória Maria enfrentou muitas dificuldades por ser uma mulher negra, e afirma o grande conflito que seria continuar cobrindo essa editoria. “Se eu continuasse cobrindo política, ou eu teria apanhado ou teria batido” (De frente com Bial, 2020). O uso da palavra “ou” duas vezes desperta uma certa tensão e ironia, já as palavras “apanhado e batido” trazem um aspecto de exaustão emocional e conflito com o governo da época, representado pela figura do então presidente Figueiredo (Figura 3). “Apanhar e bater” podem ser lidas tanto metaforicamente quanto literal (violência física).

FIGURA 3: *Frame* de General João Figueiredo dando entrevista para Glória Maria

Fonte: Globo Play (2020)

A entrevista de Glória Maria destaca que a jornalista foi uma figura central para a luta antirracista, abordando a persistência dela contra o racismo. Embora sua essência permaneça a mesma, a visibilidade e a persistência aumentaram.

Além de tudo, Glória compartilhou sua percepção aguçada para identificar atitudes racistas, uma “habilidade” desenvolvida a partir do que viveu. Também compartilhou os seus momentos na política e no ambiente de trabalho, em que jornalistas eram censurados e banidos. Na política, ela enfrentou dificuldades extremas, chegando a afirmar que, se continuasse cobrindo esta editoria, o conflito seria inevitável, seja sofrendo ou agindo com violência.

Em resumo, a entrevista revela a naturalidade estruturada do racismo e do país enquanto racista, tanto num contexto da ditadura quanto nos dias atuais. O vídeo ressalta a resiliência e a clareza da jornalista ao expor a discriminação e combater o preconceito.

4.2 Glória Maria no “De frente com o Bial”: o confronto direto com o presidente

Já nessa análise da segunda entrevista, intitulada “Glória Maria começou carreira durante a ditadura e foi expulsa de coletiva por Figueiredo”, a jornalista discute a ditadura e o quanto essa época impactou na sua carreira, narrando o fato do general João Batista Figueiredo, presidente da época, ter expulsado ela de uma

conferência de imprensa. O conflito ocorreu quando Glória o confrontou, corrigindo um erro gramatical que o general cometeu. “O senhor me desculpe, mas tem que aprender um pouco mais a gramática portuguesa porque isso que você falou não existe mais na gramática” (De frente com Bial, 2020), afirma ela nos 40 segundos da entrevista. Glória descreve o momento: “O general Figueiredo não me suportava e, quando ele foi indicado, fomos cobrir a posse na Vila Militar…Ele então citou uma coisa da gramática que não existe mais. Eu disse: o senhor tem que aprender mais sobre a gramática portuguesa porque isso não existe mais”. Após esse acontecimento, o general mandou retirar Glória Maria da coletiva.

Na entrevista, a jornalista conta a história com sarcasmo e orgulho da sua atitude, já que Figueiredo era racista, preconceituoso, misógino e muito patriota. A jornalista apontou seus conhecimentos como forma de confronto, quando disse “ele citou uma coisa da gramática que não existe mais”. Isso gerou uma provocação quanto ao conhecimento do general, exigindo a inteligência de uma pessoa com cargo superior. Com isso, a frase “não existe mais” dita por Glória Maria levou a invalidação da competência e reafirmação do erro na fala do militar. Enquanto isso, a postura dela, ao dizer a frase, é precisa e afirmativa.

Glória lembra ainda uma frase que Figueiredo disse antes de ser retirada do local da coletiva: “Tira aquela neguinha daqui” (De frente com Bial, 2020). A fala é totalmente racista e se deveu ao fato do o general não concordar e nem aceitar ser corrigido por uma pessoa negra.

O general dispôs, também, de uma fala na Vila Militar, em que declarava que: “para defender a democracia eu bato, prendo e arrebento” (De frente com Bial, 2020). Essa declaração é contraditória, porque o ex-presidente afirma que para defender um movimento liberal tem que usar de violência física para a solução. Isso fica claro na frase “eu bato, prendo e arrebento” como um abuso de autoridade e uso da violência para impor regras. Afinal, sabemos que prisão e liberdade têm contextos distintos.

A imagem a seguir mostra Glória Maria cobrindo um protesto durante a ditadura.

FIGURA 4: *Frame* de passagem de Glória Maria durante a ditadura

Fonte: Globo Play (2025)

A trajetória de Glória Maria, conforme narrada na entrevista, vai além do relato pessoal. Ela se torna um estudo de caso sobre a intersecção de raça, gênero, jornalismo e poder no Brasil. Sua atitude e postura diante do episódio com João Figueiredo não é apenas um fato, é uma reafirmação da dignidade e inteligência da jornalista que o regime militar autoritário e o racismo tentaram silenciar.

A resistência e coragem de Glória continuam inspirando, com a busca por um jornalismo livre e justo, bem como um exemplo de luta por uma sociedade igualitária.

4.3 Documentário: Glória como fenômeno

No primeiro episódio “Nunca tive Barreiras” do documentário “Glória” (2025), transmitido pela Rede Globo em programação alusiva aos 60 anos da emissora, Glória Maria conta sua história desde o começo. Os desafios da vida, os depoimentos dos parentes mais próximos e os primeiros passos no mundo da TV: uma fabulosa viagem que transformaria a jovem jornalista na repórter mais popular do Brasil.

O documentário tem direção de Danielle França e Paulo Sampaio, produção executiva de Fátima Baptista e produção de Antonia Martinho, Débora Monserrat e Luiz Costa Júnior. O audiovisual começa contando brevemente a história da jornalista, abordando suas principais características e curiosidades. Logo, é exibido

trechos de entrevistas de amigos para contar como Glória Maria era e o fenômeno que ela nunca deixou de ser. O documentário conta com participações de celebridades como Fátima Bernardes, Pedro Bial, William Bonner, Emicida, Maju Coutinho, Patrícia Kogut, entre outros.

A jornalista e crítica de TV Patrícia Kogut diz que Glória Maria era “desenrolada” na comunicação. Com isso, notou que o jeito da jornalista se comunicar era único, que só ela sabia fazer. “Ela tinha a mágica da comunicação” (Kogut, 2020). A palavra “mágica” na frase remete a transformações profissionais da Glória no jornalismo barsileiro. Com isso, a jornalista se tornou símbolo de vitória e brilhantismo na carreira. Fátima Bernardes comenta: “Ela é um sinônimo de sucesso absoluto” (Glória, 2025). “Sinônimo” é dito a algo semelhante, comparando Glória Maria com o sucesso que se tornou. Em dois minutos e 39 segundos, o jornalista Pedro Bial afirma que “sem dúvidas, a repórter de maior popularidade da história, da tv brasileira e do Brasil” (Glória, 2025). A expressão “sem dúvidas” reforça a certeza de todo esse contexto, dando valor ao resultado positivo atribuído à frase. Com um jeito revolucionário de fazer televisão e enfrentar barreiras, com desdobramentos na sua área, Glória Maria tornou-se mundialmente conhecida. Suas entrevistas com artistas internacionais alavancaram sua carreira como jornalista. A própria Glória Maria cita em diversas entrevistas que não teve um exemplo de inspiração a seguir. “Eu não tive referências, eu tive que aprender sozinha” (Glória Maria, 2025).

William Bonner (2025) diz que “Ela tocava o coração de todo mundo, ela era querida por todo mundo” (Glória, 2025). Era reconhecida e amada por todos. “Ela tocava o coração de todo mundo”, as manifestações dessa frase reconhecem o afeto e a capacidade de emocionar. Já em “ela era querida por todo mundo”, Glória tinha o poder de atribuir um grau de aceitação e sentimento recíproco.

“Acho que a Glória Maria levou um espelho pra casa das pessoas. E nada é mais poderoso do que você se ver no mundo” (Glória, 2025). Nessa frase, o cantor Emicida usa a metáfora do “espelho” em que descreve o poder da representatividade de Glória Maria para outras mulheres negras, com o poder de transformação na vida delas. “Nada mais poderoso do que você se ver no mundo” é a consequência dessa ação, representação e empoderamento.

Para maior impacto e conexão da história de mulheres negras à história de Glória Maria, no documentário foi feito uma celebração à jornalista juntamente com esse cruzamento de memórias. Dezoito mulheres foram convidadas para ir ao

estúdio da Globo, em uma homenagem à Glória Maria (Figura 5). O documentário promoveu um encontro de comunicadoras negras do Brasil. “Glória foi o meu horizonte, meu ponto de luz” (Glória, 2025) ressaltou a apresentadora Valéria Almeida, assim como as quatro entrevistadas desta pesquisa, que também relatam influência de Glória Maria nas suas carreiras e escolha para cursar jornalismo. “Eu choro porque ela é muito impactante nas nossas vidas” (Glória, 2025) revelou Maju Coutinho, que se sentiu emocionada ao estar em um espaço de tanta representatividade e identificação. Além disso, destaca-se a dimensão e a abrangência do impacto ao citar a “impactante nas nossas vidas”.

FIGURA 5: *Frame* do Encontro de mulheres negras

Fonte: Glória (2025)

Glória Maria sempre foi uma pessoa livre. Seguiu o conselho de sua avó Alzira: “minha vó sempre me ensinou que eu não podia permitir que nada tirasse minha liberdade. Seja filho, marido, trabalho” (Glória Maria, 2025). É notório que no episódio há alguns ganchos de imagens de apoio, offs da jornalista Glória Maria e entrevistas para conectar os assuntos. Na sequência, Glória acrescenta sua justificativa para ser livre e estabelece relação das algemas com a escravidão e opressão histórica. “Como a gente teve algumas algemas muito tempo, a gente ficou acorrentado, minha vó sempre dizia isso” (Glória Maria, 2025). No trecho, “muito tempo” relaciona-se com o tempo dessa opressão além da permanência histórica. “A gente ficou acorrentado” define o resultado diante do aprisionamento mental que a

escravidão deixou. E encerra com a sabedoria de sua avó, que era ancestral na vivência dela: “minha vó sempre dizia isso.”

FIGURA 6: *Frame* de foto da vó Alzira benzendo no quintal de casa

Fonte: Glória (2025)

Diante de todo cenário marcado por desigualdades por ela ser mulher e negra, Glória Maria sempre mostrou a importância dos estudos durante sua vida. Nessa frase, a jornalista destaca com orgulho as recordações da época do colégio. “Tive uma educação nobre. Estudei quase sempre em colégios públicos, como Delfim Moreira, Rivadávia Corrêa” (Glória Maria, 2025). Sua ex-colega, Maria Helena Lopes visita a antiga escola em que estudavam e lembra de momentos com Glória Maria durante esse tempo.

Maria Helena e Glória Maria estudaram na escola Rivadávia Corrêa (Figura 7) durante a ditadura militar, período em que a imprensa era banida e controlada. Políticos e militares de oposição, partidos políticos não alinhados ao Regime Militar, parlamentares de oposição, professores e estudantes universitários que protestavam contra o regime, jornalistas e escritores que usavam a escrita como forma de resistência eram punidos ou proibidos de trabalhar. Essas restrições variavam ainda com tortura, censura, prisões arbitrárias, exílio, demissões, execuções entre outros.

Em entrevista dada por Glória Maria no podcast “Mano a Mano”, que aparece em trecho do documentário, ela contou uma das situações que viveu durante a Ditadura Militar. A escola em que a jornalista estudava ficava localizada em frente a

uma delegacia, onde os presos políticos eram torturados pelos militares durante o período ditatorial. Ela enfatiza que: “Ali eu acompanhei muita coisa da ditadura, porque atrás tinha a delegacia de repressão e quando tínhamos educação física ouvíamos os presos políticos apanharem” (Glória Maria, 2025). Apenas anos depois Glória foi entender do que se tratavam aqueles gritos.

FIGURA 7: *Frame* do Colégio Rivadávia Corrêa em frente a Delegacia de Vigilância, Centro do Rio de Janeiro, 1960

Fonte: Glória (2025)

A jornalista também descreve a ânsia de fazer matérias na rua, ela adorava estar em todos os lugares junto ao seu colega cinegrafista Daniel Andrade. Relembra também do carro em que eles iam aos lugares apurar as notícias e cita com descontração o ambiente de trabalho. “Vou pra rua fazer matéria” (Glória Maria, 2025). A ex-diretora de projetos especiais Teresa Cavalleiro destaca os perrengues que era percorrer a cidade para cobrir matéria: “Como estava muito calor, nós, entre a equipe, brigávamos para ver quem ia sentado na frente. Quem ia abrir um pouquinho a porta da frente para entrar vento, no carro tinham apenas duas janelas na frente” (Glória, 2025).

Glória Maria (2025) relembra que “quando eu entrei, o repórter não aparecia no vídeo. Identificavam que era eu porque era a única mão preta que tinha no vídeo”. Ou seja, quando a repórter não aparecia no vídeo, ficava mais fácil de identificar pelo tom de pele, visto que Glória era a única jornalista negra da época.

“Porque era a única mão preta que tinha no vídeo” (Glória, 2025), complementa. Com a distinção de raça, a jornalista Glória Maria era identificada por essa característica, como uma marca registrada na tv brasileira.

A ex-diretora de jornalismo Alice-Maria Reiniger, grande amiga e colega de trabalho de Glória Maria, foi uma das primeiras mulheres a estar no ambiente das redações, pois naquela época mulher em cargos de direção não era “comum”. Em 1975, escreveu em uma carta para Glória “só faltou você aparecer, a mulher que viu Alain Delon de perto” (Reiniger, 2025). Essa carta incentivou a jornalista a aparecer em frente às câmeras. “Ela me deu um mundo pela frente” (Glória, 2025), relata. O incentivo sucedeu ao estrelismo e sucesso como jornalista.

No documentário ela conta que, para apurar a veracidade do acontecimento, teve que adotar estratégias: “fomos no catálogo, na lista telefônica dos moradores dali e ligar para ver se tinha acontecido” (Glória Maria, 2025). O primeiro morador confirmou e começaram as apurações no local. O cinegrafista Daniel Andrade aplaude a carreira de Glória Maria, dizendo que “até os últimos dias, ela levou com maior louvor” (Glória, 2025).

FIGURA 8: *Frame* O Elevado Paulo Frontin desabou. Feridos sendo socorridos

Fonte: Glória (2025)

A primeira entrada no Jornal Nacional, ao vivo e a cores, foi num engarrafamento na Avenida Brasil, porém naquela época e nos dias atuais, o jornalismo sofre de imprevistos e perrengues. Glória explicou que “como demorou, o

trânsito foi diminuindo e o engarrafamento começou a ter poucos carros, vou ter que inventar um texto” (Glória Maria, 2025), explicou.

A escalada já havia sido transmitida no jornal “faltavam 4 minutos para a entrada ao vivo e eu me tremia” (Glória Maria, 2025), relembra no documentário. De repente, apagou tudo e ninguém conseguia enxergar nada, a solução decisiva foi ligar o farol de um carro e se ajoelhar para entrar ao vivo. No documentário, as edições de luz e sombra fazem toda narrativa de percepção e de sensação do lugar gravado, isso é uma característica de “Glória”. Em 1987, toda equipe comemorou os 10 anos de jornalismo eletrônico, após o perrengue da primeira transmissão.

Glória Maria gravou vários tipos de reportagens, incluindo a morte de Juscelino Kubitschek, em 1976; as enchentes e correnteza em 1985; em 1980, quase 100 cadáveres foram encontrados na Baixada Fluminense; estação lotada no Rio de Janeiro em 1987. Ao reportar a Guerra das Malvinas, ela foi a primeira mulher do Brasil a cobrir uma guerra no canal, porém se arrepende dessa decisão: “só os homens iam pra guerra e eu também queria ir. Eu não sabia o que era guerra, se não eu não teria pedido” (Glória Maria, 2025).

No mesmo período em que Glória Maria trabalhava como repórter, a ditadura foi um marco na sua carreira em que os jornalistas eram punidos caso não “entrasssem na linha” do governo de direita. “Havia uma necessidade de controle do que era noticiado” (Glória Maria, 2025), conta. Nessa frase dita pela jornalista, era dada uma motivação como forma de controle, o poder da censura sobressai como objeto de restrição do que iria para o ar ou não. Ademais, Glória nunca teve um manual para seguir em suas reportagens: “eu nunca saí com uma recomendação. Não faz isso, não pergunta isso, nunca!” (Glória Maria, 2025).

A partir do governo de João Figueiredo (Figura 9), a jornalista Glória teve dificuldades em arrancar as respostas que queria do ex-presidente. Ela se dizia muito convincente com as coisas que queria: “sempre abria um caminho pra eu conseguir as coisas, mas a partir do governo Figueiredo não” (Glória Maria, 2025). A expressão “abrir um caminho” remete à condição de facilidade em que a jornalista obtinha das respostas de seus entrevistados, em que ela sempre alcançava os objetivos com sucesso. Porém, Figueiredo a detestava e restringia as suas falas.

Em 1978, Glória esteve presente no almoço para Figueiredo, organizado por amigos em Jacarepaguá, em que comemorou a candidatura à Presidência da República. Em um momento das entrevistas, Glória Maria registrou a polêmica

declaração do então presidente Figueiredo: “para defender a democracia eu bato, prendo e arrebento”. O material da gravação, contudo, encerrou-se justamente no momento em que o ex-presidente falou o que era mais importante para a entrevista. Com isso, Glória pediu para que ele repetisse a frase. A resposta de Figueiredo foi: “da próxima vez, você põe um filme melhor” (Glória, 2025). Ele era grosseiro e declaradamente racista, implicava justamente com Glória Maria em razão de seu tom de pele. Mascarava isso sutilmente em suas entrevistas a jornalista.

FIGURA 9: *Frame* Ex-presidente João Figueiredo em entrevista com imprensa

Fonte: Glória (2025)

Logo, em 1985, era esperado que Tancredo Neves tomasse posse e encerrasse a Ditadura Militar. O contexto da eleição de Tancredo Neves foi a transição do Regime Militar para a democracia, através de uma eleição indireta pelo Colégio Eleitoral em 1985, após a derrota da emenda das Diretas Já. A vitória dele simbolizou a esperança de uma nova era democrática no país. Porém, no mesmo dia de sua posse, ele morreu. Glória estava na cobertura. Segundo Bial (Glória, 2025), o ocorrido gerou várias teorias da conspiração, como a de que Tancredo e Glória Maria teriam sido baleados. Mesmo com a jornalista entrando ao vivo para noticiar, a população não acreditava que ela estava bem.

Para compreender melhor a história da televisão brasileira, temos que considerar como pioneiras duas grandes repórteres, Glória Maria e Maria das Graças Aguiar e Silva, apelidada carinhosamente de Anna Davies. O documentário

mostra a história de Anna, uma das primeiras jornalistas negras da tv brasileira. Atualmente, Anna mora em Maricá no Rio de Janeiro e tomou um rumo diferente, se dedicando à culinária. Ela viu com compreensão e avanço de Glória Maria depois de sua saída da Rede Globo: “gostei quando ela despontou com brilho, porque ela era negra, retinta e muito viva, dinâmica, inteligente” (Glória, 2025). Anna ainda acrescenta o papel de Glória como resposta ao racismo: “pros preconceituosos que acham que mulher negra não tem inteligência, talento e garra”, ela cumpriu tudo isso durante sua carreira profissional (Glória, 2025).

Um dos casos de racismo sofrido por Glória Maria ocorreu em 1980, ao ser impedida de visitar um amigo no Rio Othon Palace. A alegação do gerente do hotel foi que por ela ser negra não poderia entrar, mesmo após mostrar documentos e se justificar. Em ato de resistência e firmeza, Glória reportou o fato como um protesto contra o racismo: “Eu não poderia ser discriminada e humilhada por causa da cor da minha pele” (Glória Maria, 2025). Ela prestou queixa na polícia com base na Lei Afonso Arinos, porém, mesmo com sua voz e reconhecimento na tv brasileira, o funcionário foi absolvido por falta de provas e a promotora não recorreu. A jornalista descreveu o sentimento em meio aquela situação: “o racismo dói na alma, quem é preto sempre vai entender isso” (Glória Maria, 2025).

A seguir, apresentamos a tabela com os principais pontos e resultados dos três materiais audiovisuais sobre Glória Maria:

TABELA 1: Síntese com os principais trechos dos materiais audiovisuais

	“Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política”	**“Glória Maria começou carreira durante a ditadura e foi expulsa de coletiva por Figueiredo”**	**Documentário “Glória”, primeiro capítulo “Nunca tive barreiras**
RACISMO	1. Glória Maria foi a primeira pessoa a evocar a Lei Afonso Arinos (Lei n 7.716/89) 2. “Quem é racista, é racista. Não adianta Glória Maria apresentar o Jornal Nacional, o Globo Repórter ou o	1. Figueiredo pediu para que a jornalista se retirasse da coletiva de imprensa pois não suportava Glória. “Tira aquela neguinha daqui” (De frente com Bial, 2020).	1. “Como a gente teve algumas algemas muito tempo, a gente ficou acorrentado, minha vó sempre dizia isso” (Glória, 2025). 2. “Da próxima vez, você põe um filme melhor” (Glória,

	Fantástico. Ela é negra? então tem que ser discriminada ou diminuída" (De frente com Bial, 2020) 3. "As pessoas têm maneiras de exercitar o racismo, percebem e gostam de ser racistas" (De frente com Bial, 2020). 4. "O racista tem prazer em diminuir o outro" (De frente com Bial, 2020). 5. "(...) quando comecei a apresentar as pessoas diziam que era por conta do movimento negro" (De frente com Bial, 2020) 6. "(...) você vai aprendendo o olhar das pessoas sobre você. Quando você nasce negro, você reconhece um racista a 30 quilometros de distancia" (De frente com Bial, 2020).		2025), referiu-se quando Glória pediu para ele falar novamente na entrevista porque seu filme tinha estragado. 3. "Pros preconceituosos que acham que mulher negra não tem inteligência, talento, garra" (Glória, 2025). 4. Em 1980, ao ser impedida de visitar um amigo no Rio Othon Palace. "Eu não poderia ser discriminada e humilhada por causa da cor da minha pele" (Glória, 2025)
REPRESENT ATIVIDADE			1. "Acho que a Glória Maria levou um espelho pra casa das pessoas. E nada é mais poderoso do que você se ver no mundo" (Glória, 2025). 2. "Eu choro porque ela é muito impactante nas nossas vidas" (Glória, 2025) 3. "Quando eu entrei, o repórter não aparecia no vídeo. Identificavam que era eu porque era a única mão preta que tinha no video" (Maria, 2025).

DITADURA	1. “Se você fizesse algo de errado, no outro dia teria um aviso que o repórter não poderia mais fazer cobertura” (De frente com Bial, 2020). 2. “Se eu continuasse cobrindo política, ou eu teria apanhado ou teria batido” (De frente com Bial, 2020)		1. A escola em que a jornalista estudava ficava localizada em frente a uma delegacia, onde os presos políticos eram torturados pelos militares.“Ali eu acompanhei muita coisa da ditadura porque atrás tinha a delegacia de repressão e quando tínhamos educação física ouvíamos os presos políticos apanharem” (Maria, 2025). 3. “Havia uma necessidade de controle do que era noticiado” (Glória, 2025). 4. “Eu nunca saí com uma recomendação. Não faz isso, não pergunta isso, nunca!” (Glória, 2025). 5. “Sempre abria um caminho pra eu conseguir as coisas, mas a partir do governo Figueiredo não” (Glória, 2025).
POLÍTICA		1. “O senhor (Figueiredo) me desculpe, mas tem que aprender um pouco mais a gramática portuguesa porque isso que você falou não existe mais na gramática” (De frente com Bial, 2020). 2. “Para defender a democracia eu bato, prendo e arrebento” (De frente com Bial, 2020).	
INSPIRAÇÃO			1. “Ela tinha a mágica da

			comunicação” (Glória, 2025). 2. “Ela é um sinônimo de sucesso absoluto” (Glória, 2025). 3. “Eu não tive referências, eu tive que aprender sozinha” (Glória, 2025). 4. “Glória foi o meu horizonte, meu ponto de luz” (Glória, 2025). 5. “Só faltou você aparecer, a mulher que viu Alain Delon de perto” (Glória, 2025). 6. “Até os últimos dias, ela levou com maior louvor” (Glória, 2025). 7. “Gostei quando ela despontou com brilho, porque ela era negra, retinta e muito viva, dinâmica, inteligente” (Glória, 2025)

Fonte: A autora (2025)

A partir dos três audiovisuais, analisamos que Glória Maria destaca questões como racismo, ditadura e seu legado. Em um dos episódios de racismo, Glória mostra a importância e postura de revolta e ironia ao discutir o tema, ela usou a sua visibilidade ao expor a falta de senso e satisfação ao praticar discriminação racial. Com isso, Glória tornou-se fenômeno de representatividade e legado, sua importância na luta antirracista e no jornalismo brasileiro.

Feita a análise e finalizada a fase de codificação dos dados dos materiais audiovisuais, a seguir analisamos as entrevistas com as quatro mulheres negras (estudantes e jornalistas formadas).

4.4 Entrevistas com jornalistas negras: o legado de Glória Maria

Nesta etapa da análise, nosso foco são as entrevistas com quatro mulheres negras que se inspiraram em Glória Maria para decidirem suas profissões. Assim, as perguntas das entrevistas exploraram os temas relacionados à ditadura, à profissão jornalística de mulheres negras e à própria influência da jornalista Glória Maria na vida destas mulheres.

Para saber se os objetivos condizem com as entrevistas, analisamos cada resposta quanto ao conhecimento que as fontes tinham sobre a jornalista Glória Maria, seu legado para estas mulheres negras, influência na carreira e se sabiam sobre a atuação dela na época da ditadura.

Em relação à primeira pergunta, foi questionado a cada uma das entrevistadas: “Você conhece Glória Maria?”, “Como você a conheceu?” e “O que na história desta jornalista marca ou marcou a sua trajetória?” As respostas das entrevistadas foram as mesmas, pois todas elas conheciam Glória Maria de alguma forma. Seja na televisão, com suas reportagens, das viagens pelo mundo, seu legado ou pioneirismo no Brasil.

Maria Eduarda Castelo, de 19 anos, estudante de jornalismo na Universidade Federal do Pampa, destacou Glória Maria como uma figura conhecida por ela: “Ela foi uma jornalista incrível, super reconhecida e admirada por todo mundo” (Castelo, 2025). A entrevistada ainda destaca que Glória Maria foi uma pessoa conhecida pela maioria das pessoas, pois tinha um jeito único de fazer jornalismo.

Com isso, a entrevistada Eduarda Medina também reconhece a jornalista da televisão e a representatividade de Glória Maria na sua carreira como jornalista.

> “Sim, conheci a Glória Maria pela televisão. Na minha trajetória, ela foi importante justamente por carregar esse contexto de potência e de abertura de caminhos. De certa forma, tudo o que me constitui hoje, meu diploma, minha carreira e o espaço que ocupo, também é resultado do que ela começou lá atrás, com tanto protagonismo e coragem, mostrando que era possível. Então, acredito que ela marcou e continua marcando a minha trajetória de uma forma muito ampla e plena” (Medina, 2025).

.

Nesse sentido, é importante resgatar a ideia de que a representação de pessoas negras é essencial para que as ideias sejam compartilhadas entre membros de uma mesma cultura (Hall, 2004). Nessa direção, as pessoas negras podem compartilhar conhecimentos com outras pessoas negras, sendo exemplos e

inspirações, a partir da ocupação de mais espaços nos meios profissionais.

Mirella Archangelo, estudante de jornalismo na Universidade de Ribeirão Preto, conheceu pessoalmente Glória Maria. Ela afirma que sempre acompanhou Glória pela televisão, mas que acabava sendo distante. Com 11 anos, brincava de ser repórter com seus irmãos e primos na rua de casa. Seus vídeos viralizaram nas redes sociais, tomando uma proporção e chegando até a jornalista Glória Maria, quando teve a oportunidade de conhecer a jornalista. Com isso, esse acontecimento mudou sua vida. “Esse momento foi muito especial e marcou totalmente a minha trajetória” (Archangelo, 20205). O momento marcante fez com que despertasse o desejo de estudar e ser jornalista.

Ao longo dos anos, as mulheres negras tomaram um espaço significativo no meio jornalístico. Influências como Glória Maria enfatizam a ideia de conquista de lugar na imprensa. É importante este lugar de representatividade que a jornalista trouxe a outras mulheres negras pois acabam, muitas vezes, com poucas figuras de influência na imprensa no país, o que demonstra a pouca inclusão racial. Yasmin Lima conhece Glória Maria desde pequena e afirma com propriedade a referência que ela se tornou ao longo dos anos até os dias atuais. Formou-se em Jornalismo e trabalha de maneira independente. “Desde muito nova, uns 9,10 anos, assisto jornal, não só para me informar, mas porque eu gosto mesmo. Minha mãe e eu assistimos jornal juntas. Quando adolescente, todo mundo já sabia que eu queria cursar jornalismo e Glória Maria era um dos meus apelidos. (Lima, 2025)”. Isso confirma que as mulheres negras entrevistadas reconhecem Glória Maria como um símbolo de potência e representatividade no meio jornalístico. Ela inspirou várias gerações, abrindo com seu exemplo portas para outras mulheres negras que sonharam um dia em ser jornalistas e tornou-se um símbolo de empoderamento.

Em uma segunda indagação às entrevistadas, foram feitas as seguintes perguntas: “Por que decidiram fazer jornalismo?” e se “a Glória Maria teve influência nessa escolha?”

Glória Maria, ao estar em espaços de grande audiência, já representava um ato de resistência e um marco na história da televisão brasileira. Ela mostrou que devemos enfrentar os desafios com coragem, saindo da zona de conforto com reconhecimentos merecidos. “Ver uma mulher negra tão forte e presente na TV me inspirou muito. Ela mostrou que ocupa esse espaço com coragem e talento” (Castelo, 2025).

Eduarda Medina também cita Glória como uma influência na sua carreira. “Ela sempre foi uma representação muito forte para mim, especialmente por ser uma mulher negra ocupando um lugar de tanto protagonismo. Ver a Glória como uma das grandes referências da profissão me fez acreditar que esse caminho era possível para mim também (Medina, 2025)”. A jornalista tornou-se uma heroína cultural para outras mulheres negras, era considerada uma estrela do jornalismo. Segundo Hall (2016), a aceitação e a presença da população negra na cultura popular é hoje bem mais expressiva do que nas décadas passadas, os movimentos sociais, a conscientização do movimento antirracista e a visibilidade de pessoas negras como protagonistas fizeram com que houvesse uma melhora na evolução social.

Emerim e Silva (2023) destacam ainda que embora algumas políticas governamentais tenham criado espaços e oportunidades, estão muito aquém de poder abraçar a dimensão e as necessidades dessa população, e, com isso, as oportunidades para as pessoas negras são limitadas, as representações são estereotipadas e a política pública não se aplica com a eficácia necessária. Por isso, Glória Maria traz uma esperança de representação no meio jornalístico e a ideia de possibilitar às mulheres que não são ouvidas um espaço digno de exercício da profissão de jornalistas. Por conta de seu exemplo, a jornalista permitiu que as entrevistadas visualizassem a capacidade de seguir no ramo do jornalismo.

> “Com certeza, o meu encontro com a Glória Maria teve total influência para mim querer cursar jornalismo, porque foi a partir desse contato com ela que eu consegui realmente concretizar que era essa profissão que eu queria seguir. Além da influência dela, eu também entendo que o jornalismo é uma profissão essencial, ainda mais na sociedade atual. Devido à importância que o nosso papel tem de trazer uma informação verdadeira, de combater as *fake news* e de a todo momento estar prestando uma assistência, um serviço à população, principalmente às pessoas que não são tão ouvidas pela mídia e pelo governo” (Archangelo, 2025). .

A realidade histórica das jornalistas negras é vista pela falta dessas pessoas em posições de destaque. Além de Glória Maria, Zileide Silva[3] se tornou um grande nome do jornalismo. A última entrevistada cita ela como um dos dois únicos nomes de destaque durante muito tempo. “Acho que não só a presença dela, mas principalmente por ela e a Zileide serem os únicos nomes expoentes durante muitos anos. Então foi mais pela ausência de outras como nós”, diz Lima (2025). A entrevistada reforça o que referimos no capítulo “Glória Maria: mulher, negra e

[3] Zileide Silva é uma jornalista formada pela Cásper Líbero, pioneira como repórter em comitiva presidencial na África, sendo âncora do programa Bom dia Brasil e Jornal Hoje. Acumula prêmios como Comunique-se (2024), Glória Maria (2024) e Mais Admirada Jornalista Negra (2023).

jornalista", quanto à ausência de jornalistas negros no mercado de trabalho com um impacto significativo para a imprensa, diante de uma falta de confiança nas mulheres negras que ocorre pela vida da discriminação e da subestimação de seu rendimento profissional.

As entrevistadas também foram questionadas sobre a motivação para as carreiras de outras pessoas negras e sobre a influência da trajetória de Glória Maria para o jornalismo brasileiro. Todas as entrevistadas conhecem a jornalista, porém apenas três delas concordaram que Glória teve um papel fundamental na carreira delas. A maioria das jornalistas entrevistadas consideram o pioneirismo e a marca registrada como forma de ato antirracista.

Diante disso, a forma com que as entrevistadas se espelham em Glória Maria, a representatividade na televisão e para as jornalistas negras são significativas. "Com certeza, muita gente se viu representada nela. A Glória Maria foi uma das primeiras a abrir caminho, e isso fez (e ainda faz) diferença pra muita gente" (Castelo, 2025). Num cenário em que o jornalismo brasileiro é majoritariamente branco e masculino, Glória se destaca com seu papel de liderança e inovação, enfrentando barreiras que não existiam para outras pessoas.

A jornalista Eduarda Medina também concorda com a influência de Glória na sua carreira: "Glória Maria exerceu o jornalismo com tanta excelência e teve tanta notoriedade que é impossível pensar que sua trajetória não motivou outras pessoas negras" (Medina, 2025). Assim, ela se torna uma inspiração natural para outras mulheres jornalistas negras. O exemplo da profissional mostra que a competência, a qualidade e o profissionalismo impactam diretamente na potencialidade dela. Sua presença na televisão em uma emissora grande como a Rede Globo no Brasil e em horários tidos como "nobres" deu a ela uma visibilidade especial, que muito provavelmente nenhuma outra jornalista negra teve. "Eu acredito que sim, ela tem uma carreira muito brilhante. Porque ela fez muita coisa, desde reportagens de denúncias sobre algum problema, até viagens", lembra Archangelo (2025). Com seu diferencial de coragem e persistência, a jornalista Glória Maria fazia denúncias impactantes para a época, isso também ajudou a consolidar um diferencial seu de fazer reportagem. Além de sua extrema competência, ver uma pessoa negra alcançando o topo na área do jornalismo com brilho e reconhecimento tornou-se modelo e motivação para que outras pessoas negras como ela acreditassem que também podem alcançar posições de destaque.

Ser negra e ter representação torna a motivação ainda mais importante pelo contexto. Yasmin Lima afirma ser a referência de outra jornalista a Glória Maria e a ela própria. “Não tenho dúvidas. Fiz um trabalho sobre a presença das mulheres negras no jornalismo televisivo na faculdade e entrevistei a Carol Anchieta, uma jornalista gaúcha” (Lima, 2025). A entrevistada assegura com convicção que Glória Maria é o ponto de partida para a escolha da sua carreira como jornalista e o “espelho” de raça visto nela é inspirador. Lima (2025) mostra ainda o impacto que ultrapassa a prática jornalística e vira tema de análise crítica e pesquisa nas universidades. Mesmo com toda a representatividade de Glória, Lima (2025) destaca a falta da presença de jornalistas negras na mídia, especialmente no Rio Grande do Sul. “A única mulher negra no jornalismo televisivo durante a minha graduação era a Carol Anchieta, que também cita a Glória como referência” (Lima, 2025).

Glória Maria transcende o papel como jornalista para consolidar um marco de representatividade e uma figura importante e transformadora no jornalismo brasileiro e na vida de jornalistas e estudantes negras. Todas as entrevistadas concordam que Glória foi, e ainda é, uma referência fundamental e um ponto de partida para escolha da carreira. Portanto, a trajetória de Glória Maria não é apenas um marco no jornalismo, e, sim, um alicerce na construção de um futuro mais igualitário na profissão, com pessoas negras em espaços de poder e inteligência.

A jornalista Glória Maria começou sua carreira durante a ditadura militar. Assim, questionamos as entrevistadas sobre a consciência deste fato, sobretudo das proibições que eram impostas na época e que tinha a resistência como um ato de resiliência, além do legado de Glória construído em meio a este contexto difícil. Buscamos identificar também a avaliação das entrevistadas diante da postura da jornalista frente às dificuldades e as discriminações que sofreu por conta de ser mulher e negra no período ditatorial.

De acordo com o autor Keny (2024), as manifestações de cunho racial fizeram com que o Movimento Negro se tornasse mais um dos alvos de perseguição da ditadura militar. “Ela começou num período super complicado, com censura e tudo mais. E mesmo assim, foi lá e fez história”, ressalta Castelo (2025) em sua resposta. Glória Maria começou sua carreira durante a Ditadura Militar, período que afetou o jornalismo tendo em vista que a liberdade de pauta e a profundidade das reportagens eram limitadas, além dos jornalistas trabalharem com uma rigorosa vigia e censura. Porém, a coragem de Glória a tornou uma figura histórica, pois, em meio

a perseguições, prisões e torturas a jornalistas, ela enfrentou o ex-presidente João Figueiredo e denunciou vários outros ataques racistas e machistas. Naquele período, a censura, assim, desempenhou papel fundamental na implantação e na consolidação da ditadura, silenciando a uns e servindo a outros (Memórias Reveladas, 2022). A própria jornalista conta e descreve o Regime Militar como um período em que tudo era proibido e nada podia ser questionado, caso contrário havia punições. Porém, Glória Maria transformou um período complicado em um período de conquista, com sua grandeza reconhecida por ter inovado e persistido em um ambiente hostil, em que a liberdade dos jornalistas era sufocada e a representatividade negra era ausente.

Apesar da fama, duas das entrevistadas não sabiam da conexão da ditadura com a carreira de Glória Maria. “Não sabia, e agora vou parar para refletir sobre isso, agora me fez perceber o quanto isso torna a trajetória dela ainda mais simbólica, desafiadora sendo uma mulher negra”, reflete Medina (2025). “Não sabia. Sei de outras coisas, mas isso não fazia ideia”, respondeu Lima (2025). Podemos inferir que o desconhecimento desse período de atuação da jornalista se deve por conta da narrativa midiática que é construída, tendo em vista vários fatores: o foco da cobertura das mídias, a forma com que a ditadura é lembrada no Brasil e a essência do seu legado. A maioria dos veículos de comunicação, ao abordar sobre a vida e trajetória de Glória Maria, focam em outros tópicos relevantes e não discutem a questão da ditadura. Outros fatores ofuscam o contexto político da época como o marco histórico de sua primeira aparição em uma emissora sendo repórter, mulher e negra quando a predominância era branca; a inovação quanto a ser a primeira a fazer entrada ao vivo e a cores em um jornal de grande importância (Jornal Nacional); e suas aventuras nas viagens para o Globo Repórter e Fantástico.

Glória viajou para mais de 100 países para fazer reportagens, focava em experiências diferentes e arriscadas, em entrevistas com celebridades e em momentos de aventura. Como o foco das primeiras reportagens de Glória Maria não tinham caráter jornalístico político, pelo fato da censura, os temas no início de sua profissão foram para um lado social e factual. Diante disso, a sua história de quebra de barreiras por ser uma mulher negra e da sua resistência política era mais notada pela mídia e pelas pessoas do que pelo fato de ter enfrentado o Regime Militar. O exemplo de uma forma de disseminar a atuação de Glória Maria na ditadura foi o documentário “Glória”, que faz parte desta pesquisa, lançado com o intuito de

abordar este período com mais profundidade e detalhamento.

A ditadura empregou a violência e a intimidação para calar a imprensa, jornalistas considerados opositores eram frequentemente presos, interrogados e fichados pelos órgãos de segurança. Além disso, as perseguições, as torturas e os assassinatos eram aplicados contra os profissionais. Para que não fossem censurados, foram criados pequenos jornais e revistas que utilizam na linguagem duplos sentidos para criticar o regime, além de metáforas e ironias não explícitas.

Para completar as entrevistas, focamos em aprofundar sobre a representatividade de Glória Maria durante o período da ditadura, por isso questionamos as entrevistadas em relação se a jornalista foi, e ainda é, vista como um símbolo de resistência? A sua carreira foi ou é influenciada por essa narrativa? Maria Castelo (2025) diz que a resistência de Glória Maria foi o que a influenciou na escolha do curso de jornalismo como um modelo a ser seguido. “A história me influencia justamente porque ela enfrentou barreiras muito duras, em um tempo em que quase nada era permitido” (Castelo, 2025). A entrevistada associa o tempo que “nada era permitido” ao período da ditadura militar e a censura, as barreiras raciais, de gênero e profissionais como medidas duras desse período. Por ter que se adaptar a um novo ambiente de trabalho, o peso do pioneirismo na época e de ser uma mulher no jornalismo, Glória foi destaque e conquistou autoridade em alguns programas de televisão em que a única mulher em um meio que é majoritariamente dominado por homens. Sabemos que a maioria dos cargos de liderança no jornalismo ainda é dominado por homens até hoje. Os conflitos de classe são atravessados pelas contradições de gênero e de etnia, em que as mulheres sofrem mais os efeitos da apropriação privada do seu trabalho social do que os homens (Koshiyama; Reimberg, 2018). O jornalismo, apesar de avançar em alguns aspectos, ainda peca ao impor dificuldades como de gênero, diversidade e igualdade, porém a luta de Glória quebrou paradigmas e fornece a base do profissionalismo e da motivação em sua carreira como jornalista.

Medina (2025) também afirma a influência de Glória na superação de momentos difíceis na carreira

> “A história da Glória Maria me influencia justamente por que ela enfrentou barreiras muito duras, não só por ser mulher, mas por ser uma mulher negra em um dos períodos mais difíceis do Brasil. Ela abriu caminhos em um tempo em que quase nada era permitido, especialmente para pessoas como ela. A trajetória dela me faz entender que ocupar espaços no jornalismo

> hoje, embora ainda não seja totalmente fácil ou igualitário, só é possível porque ela e outras mulheres negras resistiram” (Medina, 2025).

Glória provou sua competência e tornou um pouco mais naturalizada a presença de mulheres negras em espaços de atuação profissional. Archangelo (2025) concorda com as relações de ditadura e a influência que Glória Maria exerceu, mas não como uma questão isolada e, sim, de interseccionalidade, em um conjunto de agravamentos desses preconceitos que se manifestaram de forma única na experiência de uma mulher negra: “É totalmente influente, é uma questão que se relaciona a outra. Vimos que ela era uma pessoa sem medo de perguntar o que queria saber” (Archangelo, 2025), valorizando a ousadia e coragem de questionar, o que garantiu a Glória um diferencial nas suas reportagens.

Lima (2025) trouxe uma resposta distinta das outras quatro pois não sabia da relação de Glória Maria com a ditadura, mas reconhece a força da mulher negra e contempla sua jornada, “Como não sabia, não posso dizer que isso me influenciou diretamente. Mas alguém que resiste à ditadura não é qualquer pessoa e adquire habilidades que impactam outras vidas e qualquer pessoa que se espelhe”, (Lima, 2025). A entrevistada ressalta ainda a ideia de que qualquer pessoa que se espelha em Glória é influenciada pela sua resiliência, adaptação e audácia durante as reportagens e vida. Essa resistência é, portanto, a inspiração para quem busca qualidade e superação.

Verificamos, a partir das quatro entrevistas, que as entrevistadas conhecem Glória Maria, afinal todas confirmaram que já viram ou ouviram falar sobre a jornalista. Quanto à sua influência para escolha do curso de jornalismo, apenas três delas afirmam que sim, pois decidiram fazer a graduação por conta da sua inspiração e trajetória. Em relação à opinião das entrevistadas sobre a carreira de Glória Maria motivar outras pessoas negras, bem como a sua trajetória, três das entrevistadas concordaram com essa afirmação e apenas uma discordou, apesar do reconhecimento de seu legado. Também entra em questão a carreira da jornalista Glória Maria ter começado durante o período da ditadura militar, o que é de conhecimento de metade das entrevistadas, ou seja, duas têm consciência dessa informação e as outras duas não. Outro questionamento feito às entrevistadas decorreu do nosso objeto de estudo, que enfoca Glória como representatividade e símbolo da resistência e se a história dela influenciou na carreira das entrevistadas.

Três delas responderam que sim e uma respondeu que não poderia afirmar, pois não a influenciou diretamente.

Nesta pesquisa, adotamos uma abordagem metodológica mista, a análise de materiais audiovisuais e a coleta de dados por meio de entrevistas em profundidade. A primeira etapa foi a análise dos materiais audiovisuais que ilustram a trajetória de Glória Maria. Assim há uma melhor compreensão e contextualização de sua história. Conjuntamente, as entrevistas foram realizadas com um grupo de quatro jornalistas: as formadas Yasmin Lima e Eduarda Medina e as estudantes Maria Castelo e Mirella Archangelo. As perguntas das entrevistas foram elaboradas minuciosamente, explorando as entrevistadas sobre Glória Maria, abordando temas como sua relação com a Ditadura Militar em sua carreira, as questões de raça e gênero, sua influência para outras pessoas, os casos de racismo e o entendimento de seu legado na vida de cada entrevistada.

Os primeiros resultados indicam perspectivas similares. As jornalistas formadas têm um olhar crítico e a consciência da representatividade negra que Glória Maria conquistou para as mulheres negras jornalistas, principalmente na ocupação de espaços. As estudantes de jornalismo revelam que a trajetória de Glória Maria foi um incentivo e uma fonte de inspiração na sua área, entrelaçando os pontos de pioneirismo e resistência levantados em suas declarações com os materiais audiovisuais. Essas perspectivas contribuem para a pesquisa, pois temos a consciência crítica e de representatividade aliada à inspiração, ao pioneirismo e à resistência.

A seguir, uma tabela com os principais pontos e resultados das quatro entrevistadas:

TABELA 2: Síntese com os trechos das jornalistas entrevistadas

ENTREVISTADA	**REPRESENTATIVIDADE**	**MOTIVAÇÃO PARA CARREIRA**	**DITADURA**	**INFLUÊNCIA PARA JORNALISMO**
Maria Castelo	“Ela foi uma jornalista incrível, super reconhecida e admirada por todo mundo” (Castelo, 2025).	“Muita gente se viu representada nela. A Glória Maria foi uma das primeiras a abrir caminho, e isso fez (e ainda faz)	“Ela começou num período super complicado, com censura e tudo mais. E mesmo assim, foi lá e fez história” (Castelo,	“Ver uma mulher negra tão forte e presente na TV me inspirou muito. Ela mostrou que ocupa esse espaço com

		diferença pra muita gente" (Castelo, 2025).	2025). "A história me influencia justamente porque ela enfrentou barreiras muito duras, em um tempo em que quase nada era permitido". Castelo (2025)	coragem e talento" (Castelo, 2025).
Eduarda Medina	"Conheci a Glória Maria pela televisão. Na minha trajetória, ela foi importante. Tudo o que me constitui hoje, meu diploma, minha carreira e o espaço que ocupo, também é resultado do que ela começou lá atrás, com tanto protagonismo e coragem, mostrando que era possível. Então, acredito que ela marcou e continua marcando a minha trajetória de uma forma muito ampla e plena" (Medina, 2025).	"Glória Maria exerceu o jornalismo com tanta excelência e teve tanta notoriedade que é impossível pensar que sua trajetória não motivou outras pessoas negras" (Medina, 2025).	"Parar para refletir sobre isso agora me fez perceber o quanto isso torna a trajetória dela ainda mais simbólica. Desafiadora sendo uma mulher negra" (Medina, 2025). A história da Glória Maria me influencia justamente porque ela enfrentou barreiras muito duras, não só por ser mulher, mas por ser uma mulher negra em um dos períodos mais difíceis do Brasil" (Medina, 2025).	"Ela sempre foi uma representação muito forte para mim, especialmente por ser uma mulher negra ocupando um lugar de tanto protagonismo. Ver a Glória como uma das grandes referências da profissão me fez acreditar que esse caminho era possível para mim também (Medina, 2025)".
Mirella Archangelo	"Esse momento (quando conheceu a jornalista pessoalmente) foi muito especial e marcou totalmente a minha trajetória" (Archangelo, 20205).	"Eu acredito que sim, ela tem uma carreira muito brilhante. Porque ela fez muita coisa, desde reportagens de denúncias sobre algum problema, até viagens" (Archangelo, 2025).	"É totalmente influente, é uma questão que se relaciona à outra. Vimos que ela era uma pessoa sem medo de perguntar o que queria saber" (Archangelo, 2025).	"Com certeza, o meu encontro com a Glória Maria teve total influência para mim querer cursar jornalismo, porque foi a partir desse contato com ela que eu consegui realmente concretizar que era essa profissão que eu

				queria seguir…eu também entendo que o jornalismo é uma profissão essencial ,trazer uma informação verdadeira, de combater a *fake news* e de a todo momento estar prestando uma assistência, um serviço à população, principalmente as pessoas que não são tão ouvidas pela mídia e pelo governo.”
Yasmin Lima	“Minha mãe e eu assistimos jornal juntas. Quando adolescente, todo mundo já sabia que eu queria cursar jornalismo e Glória Maria era um dos meus apelidos” (Lima, 2025)”.	“Não tenho dúvidas. Fiz um trabalho sobre a presença das mulheres negras no jornalismo televisivo na faculdade e entrevistei a Carol Anchieta, uma jornalista gaúcha (Lima, 2025)”.	“Como não sabia, não posso dizer que isso me influenciou diretamente. Mas alguém que resiste à ditadura não é qualquer pessoa e adquire habilidades que impactam o restante da sua vida e qualquer pessoa que se espelhe” (Lima,2025).	“Acho que não só a presença dela, mas principalmente por ela e a Zuleide serem os únicos nomes expoentes durante muitos anos. Então foi mais pela ausência de outras como nós” (Lima, 2025).

Fonte: A autora (2025)

A partir da análise das entrevistas com jornalistas negras (formadas e estudantes), analisamos a influência e o legado de Glória Maria na trajetória de mulheres negras no jornalismo, por meio de entrevistas em profundidade com quatro jornalistas, tanto com estudantes quanto com profissionais. Os objetivos foram analisar e verificar o conhecimento sobre a jornalista Glória Maria e a atuação dela durante a ditadura militar, além de examinar a influência de Glória como mulher negra sobre a carreira das entrevistadas.

A análise revelou um consenso entre as entrevistadas sobre a importância de Glória Maria, porém nem todas a reconheciam como uma jornalista que teve embates com políticos importantes no período da ditadura. Além disso, todas as

entrevistadas reconhecem Glória como pioneira e admiram a sua competência. Os espaços que ela ocupou foram essenciais para o reconhecimento, bem como para ser sinônimo de atos de resistência. Glória Maria abriu caminhos para que outras mulheres negras acreditassem na possibilidade de ocupar espaços de destaque na profissão, que é majoritariamente composta por homens brancos. Assim sua figura foi importantíssima como modelo de carreira e pessoa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema, a história de Glória Maria, a partir do jornalismo e o seu legado para mulheres negras jornalistas ou que estudam jornalismo. A partir dessa temática, construímos a seguinte pergunta de pesquisa: **qual foi o papel da jornalista Glória Maria no jornalismo brasileiro durante a ditadura e sua influência na formação principalmente para mulheres negras jornalistas?** Nossos objetivos foram verificar como foi a atuação da jornalista Glória Maria durante o período da ditadura no Brasil, analisar a influência de Glória na carreira de outras mulheres negras jornalistas e examinar a representatividade de Glória Maria enquanto legado.

Com a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016) foi possível analisar os materiais audiovisuais, enfatizando o exame de expressões e interpretar os dados coletados nas entrevistas com as quatro entrevistadas, que incluíram tanto estudantes do curso de jornalismo quanto formadas. Essa metodologia permitiu que cumpríssemos o objetivo geral e os específicos.

Na análise dos materiais audiovisuais, com as entrevistas para o programa “De frente com Bial” e o primeiro episódio do documentário “Glória”, verificamos uma grande conexão da jornalista com a ditadura militar, bem como as suas dificuldades com os preconceitos e racismo. Sua atitude diante do episódio com João Figueiredo não é apenas um fato, é uma reafirmação da dignidade e inteligência da jornalista que o regime militar autoritário e o racismo tentaram silenciar. Com isso, Glória se torna um estudo de caso sobre intersecção de raça, gênero e jornalismo, a resistência e coragem de Glória continuam inspirando, com a busca por um jornalismo livre e justo, bem como um exemplo de luta por uma sociedade igualitária.

Os materiais nos trouxeram uma visão abrangente das questões de racismo, ditadura e preconceitos vivenciados pela jornalista Glória Maria. Este estudo confirma a postura de resiliência da jornalista diante das proibições e divergências impostas pelo governo militar na época e serviu de inspiração e coragem para outras mulheres negras, principalmente no jornalismo. O resultado responde ao problema de pesquisa proposto. Os objetivos específicos da pesquisa foram alcançados, o percurso de Glória Maria durante a ditadura militar foi contextualizada e descrita, seu legado e influência para jornalistas negras foram comprovados pela análise das entrevistas com as jornalistas formadas e estudantes. A relevância de Glória vai

além da profissão, ela tornou-se “espelho” na relação de representatividade e do pertencimento a pessoas negras.

No que se refere às entrevistas realizadas com as jornalistas e as estudantes, verificamos que elas conhecem Glória Maria e reconhecem seu legado e protagonismo na carreira. Esse reconhecimento não se encaixa apenas na sua fama ou nas reportagens, mas possibilita um olhar relevante quanto ao papel de pioneira e desbravadora no telejornalismo brasileiro. As questões de gênero e raça também foram trazidas à tona nas fala das entrevistadas. A análise das entrevistas reforça a ideia de que figuras como Glória Maria são importantes na construção de esperança e pertencimento para pessoas negras. Em um cenário em que a inclusão racial na mídia ainda é pouco explorada, a existência de Glória em posições de destaque, com competência e reconhecimento, traz uma validação de que essas ocupações são possíveis.

Identificamos, por meio dos nossos objetivos propostos, que as entrevistadas têm a presença de Glória como legado e inspiração como jornalista, além da investigação sobre contexto histórico da ditadura militar. O contexto histórico também foi investigado e evidenciou a consciência, de parte das entrevistas, sobre o início da carreira de Glória durante a ditadura militar.

Este trabalho de conclusão de curso nos mostra que apesar de todas as dificuldades, sobretudo do racismo sofrido por Glória Maria e todas as tentativas de silenciamento, ela serve de exemplo de resistência para outras mulheres negras. Glória foi e é alicerce para a transformação social dentro do jornalismo. Suas lutas contra o machismo e o racismo mostram que a resistência deve quebrar barreiras impostas e enraizadas pelo preconceito, garantindo que o jornalismo brasileiro sirva como espelho.

Este estudo contribui para o campo do Jornalismo, pois ao contextualizar a trajetória de Glória Maria na intersecção entre jornalismo, raça e o período da ditadura militar, reafirma a necessidade de que profissionais que lutam pela diminuição das desigualdades entre homens e mulheres, negros e brancos devem ser reconhecidos, prinbcipalmente porque são inspiração para outros e outras que precisam também reafirmar cotidianamente o seu espaço e seu valor. Também mostra que a pesquisa fornece formas de auxiliar na área do jornalismo ao aprofundar mais no impacto da representatividade na academia e na atuação na área do jornalismo, servindo como reflexão para outras pesquisas, ensino e meios

de comunicação. A contribuição social deste trabalho é dar relevância na conscientização do pertencimento da luta anrirracista e aos desafios ao longo da história enfrentados por mulheres negras no país, o que reforça a importância e legado de Glória Maria, bem como a minha trajetória como mulher negra e estudante de jornalismo.

Esta pesquisa ainda deixa inquietações que podem suscitar outros trabalhos, como estudos aprofundados de reportagens de Glória Maria antes e depois da redemocratização, com objetivo de identificar mudanças na forma dos temas sociais e raciais. Outra linha de pesquisa seria um estudo sobre a percepção e acolhimento de pessoas brancas sobre o legado de Glória Maria, contribuindo para uma visão mais ampla do papel da jornalista como mulher negra e o seu papel na sociedade e na luta antirracista. Ou ainda um estudo da representatividade de Glória Maria em cargos de liderança nas redações contemporâneas, utilizando a história de Glória para acrescentar e dados de mulheres negras inseridas em posições de poder nas redações e no jornalismo brasileiro.

Diante disto, concluímos que a importância de Glória Maria é crucial e reconhecida por jornalistas negras e por estudantes. Para o jornalismo, Glória é sinônimo de resistência e coragem em que foi desafiada pelo silenciamento da ditadura militar, tornando-se um marco histórico. A pesquisa reforça que a jornalista Glória Maria é sinônimo de representatividade e conexão para as mulheres negras, seu legado inspirou a escolha do jornalismo para jornalistas e estudantes e mostrou pertencimento e consciência sobre a luta antirracista. Além disso, provou que mesmo com a opressão no período político e da ditadura, alcançou protagonismo no país.

REFERÊNCIAS

ARCHANGELO, Mirella. Entrevista concedida a Elis Regina Rodrigues Madeira. São Borja, 12 de maio de 2025.

ARQUIVO NACIONAL. O apagamento da militância negra durante a ditadura militar no Paraná. Memórias Reveladas, 1 jul. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/o-apagamento-da-militancia-negra-durante-a-ditadura-militar-no-parana.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (Abraji). 98% dos jornalistas negros apontam dificuldades para desenvolver carreira, diz estudo. Abraji, 18 nov. 2021. Disponível em: https://abraji.org.br/noticias/98-dos-jornalistas-negros-apontam-dificuldades-para-desenvolver-carreira-diz-estudo.

BEZERRA, Juliana. João Figueiredo. TODA MATÉRIA, [s.d.]. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/joao-baptista-figueiredo/

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Ingresso por cotas aumentou 167% nas universidades. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ingresso-por-cotas-aumentou-167-nas-universidades.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Cotas. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35544-lei-de-cotas#:~:text=A%20lei%20reserva%20no%20m%C3%ADnimo,da%20Federa%C3%A7%C3%A3o%20onde%20fica%20.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Censura nos meios de comunicação. Memórias Reveladas, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/destaques/censura-nos-meios-de-comunicacao.

CARDOSO, Aíla Cristhie; VILAS BÔAS, Valéria Maria. Jornalismo negro e história silenciada: uma análise do epistemicídio no currículo de cursos de jornalismo no Brasil. Revista Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 356–380, 2024. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28330.

CASTELO, Maria. Entrevista concedida a Elis Regina Rodrigues Madeira. São Borja, 12 de maio de 2025.

CNN BRASIL. Ziraldo ajudou a fundar o Pasquim: conheça o jornal de oposição à ditadura. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ziraldo-ajudou-a-fundar-o-pasquim-conheca-o-jornal-de-oposicao-a-ditadura/.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/fj3JtHZGBYcHgWMPPjZsHvs/

DITADURA. De frente com Bial, Rio de Janeiro: TV Globo, 02 de fevereiro de 2023. Programa de TV.

EMERIM, Cárlida. SILVA, Edna de Mello. O negro no telejornalismo: breve estudo sobre a imagem discursiva de Glória Maria, Hernaldo Pereira e novos rostos no jornalismo de televisão, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/08162023235825564dd8cd15f708.pdf

FARIAS, Selma Ribeiro de. *As cotas raciais como política de ação afirmativa para a equidade de acesso ao ensino superior*. Research, Society and Development, v. 8, n. 12, p. 01-15, 2019. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5606/560662203041/html/.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *72 anos:* A Lei Afonso Arinos, um marco para a luta antirracista que estabelece a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/72-anos-a-lei-afonso-arinos-um-marco-para-a-luta-antirracista-que-estabelece-a-igualdade-de-todos-perante-a-lei-sem-distincao-de-qualquer-natureza.

GALLO, Elisiele Máximo da Silva. *Mulheres negras no Jornalismo: uma análise do grupo herdeiras de Glória Maria*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, Brasília-DF, 2024.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa.7.ed.São Paulo: Atlas,2017. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf

GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES S.A. Conversa com Bial: Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política. Globoplay, 2025. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8563377/.

GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES S.A. Glória Maria começou a carreira durante a ditadura e foi expulsa de coletiva por Figueiredo. GloboPlay, 2025. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/11332581/.

GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES S.A. Gloria. Capítulo 1: Nunca Tive Barreiras. Série "Glória", T1:E1. GloboPlay, 2025 Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/13522444/?s=0s.

GLÓRIA. Direção: Daniele França. Produção: Fátima Baptista. Cidade: Rio de Janeiro: TV Globo, 2025. (Série documental). Disponível em: https://globoplay.globo.com/gloria/t/YmDyrLTNfg/temporadas/1/. Acesso em: 28.10.2025.

GOVERNO DO BRASIL. O apagamento da militância negra durante a ditadura militar no Paraná. Memórias Reveladas, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/o-apagamento-da-militancia-negra-durante-a-ditadura-militar-no-parana.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adalberto Müller. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Disponível em: https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/da-diaspora-stuart-hall.pdf.

ICL NOTÍCIAS. Folha Corrida. 2024. Disponível em: https://iclnoticias.com.br/atg/folha-corrida/.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos. Agência de Notícias, 06 nov. 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: https://www.ibge.gov.br

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. Vlado. Site do Instituto Vladmir Herzog, s./d. https://vladimirherzog.org/vladimir-herzog/. Acesso: 10.dez,2025

JOFFILY, Mariana. Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas. Tempo e Argumento, Florianópolis, v.10, n.23, p.204-251,jan./mar. 2018. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/21751803102320182048/8050

JORNALISTAS & CIA. Perfil Racial da Imprensa Brasileira. 17 nov. 2021. Disponível em: https://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf

Jornal da USP. Minoria negra no jornalismo brasileiro expõe racismo como herança preservada. Campus Ribeirão Preto, data de publicação. Disponível em: https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/minoria-negra-no-jornalismo-brasileiro-expoe-racismo-como-heranca-preservada

KENY, Daniel. O negro na ditadura militar. Texto publicado no site da revista Raça em 2024. Disponível em https://revistaraca.com.br/o-negro-na-ditadura-militar/. Acesso: 02.mai.2025.

LIMA, Yasmin. Entrevista concedida a Elis Regina Rodrigues Madeira. São Borja, 20 de maio de 2025.

MATTA, Glória Maria. Glória Maria fala sobre racismo e lembra momentos tensos cobrindo política. Pedro Bial. In: DE FRENTE COM BIAL. Rio de Janeiro: TV Globo, 18, mai, 2020. Entrevista concedida na Rede Globo, 11 min. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8563377/

MATTA, Glória Maria. Glória Maria começou carreira durante a ditadura e foi expulsa de coletiva por Figueiredo.Pedro Bial. In: DE FRENTE COM BIAL. Rio de Janeiro: TV Globo, 18, mai, 2020. Entrevista concedida na Rede Globo, 11 min. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/11332581/

MEDINA, Eduarda. Entrevista concedida a Elis Regina Rodrigues Madeira. São Borja, 20 de maio de 2025.

MELLO, Jaciara Novaes. Telejornalismo no Brasil. [S.l]: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1754.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Os exageros da censura: o balé na TV. Disponível em: https://memoriasdaditadura.org.br/cultura/os-exageros-da-censura-o-bale-na-tv/.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Desigualdade racial persiste no mercado de trabalho brasileiro. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 19 nov. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Novembro/desigualdade-racial-persiste-no-mercado-de-trabalho-brasileiro

O NEGRO na ditadura militar. *Revista Raça*, [S.l.], 17 abr. 2023. Disponível em: https://revistaraca.com.br/o-negro-na-ditadura-militar/.

POLÍTICA. De frente com Bial, Rio de Janeiro: TV Globo, maio de 2020. Programa de TV.

PRIMEIROS NEGROS. Glória Maria. Disponível em: https://primeirosnegros.com/gloria-maria/#:~:text=Gl%C3%B3ria%20Maria%20Matta%20da%20Silva,ex%2Dpresidente%20Jo%C3%A3o%20Baptista%20Figueiredo..

UOL. Mulheres negras passam a ser um quarto dos universitários no Brasil. UOL Notícias, 19 ago. 2022. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2022/08/19/mulheres-negras-passam-a-ser-um-quarto-dos-universitarios-no-brasil.htm.

USP. Minoria negra no jornalismo brasileiro expõe racismo como herança preservada. *Jornal da USP – Campus Ribeirão Preto*,(2023). Disponível em : https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/minoria-negra-no-jornalismo-brasileiro-expoe-racismo-como-heranca-preservada/

SANTOS, Francisco Edvander Pires. Análise e construção de conteúdo audiovisual utilizando o software Evernote. In: FERNANDES, Joana D'Arc Páscoa Bezerra; SANTOS, Francisco Edvander Pires (org.). Tópicos de inovação em bibliotecas e sistemas de informação: tendências, inquietações e possibilidades. Fortaleza: Edições UFC, 2022. cap. 7. p. 157–177. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/66371/1/2022_capliv_fepsantos.pdf

VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata; CASTILHO, Fernanda. Recepção transmídia: perspectivas teórico-metodológicas e audiências de ficção televisiva online. Galáxia (São Paulo), n. 39, p. 72–87, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/gal/a/5M49vLNCKQSgYxsLnPXgJsv/